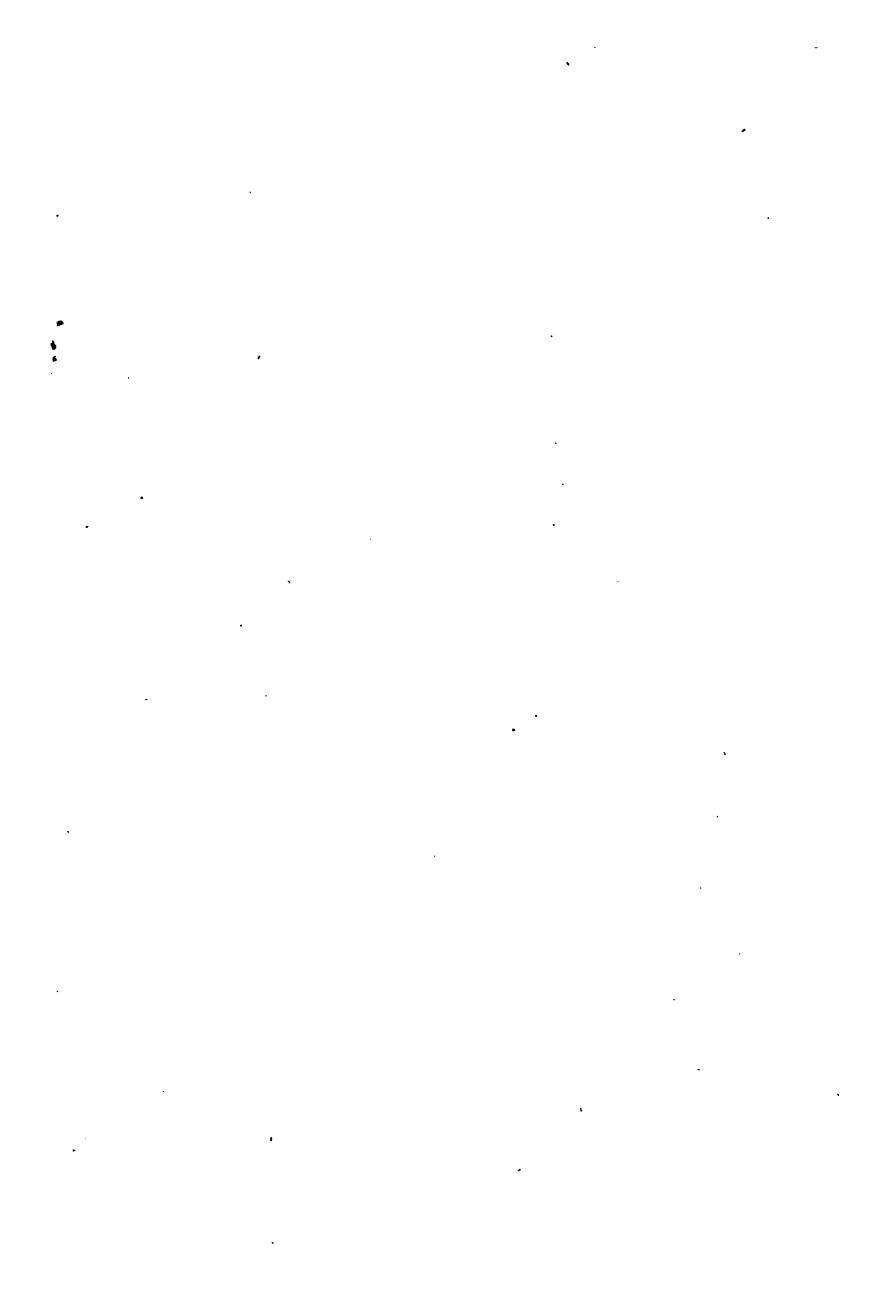
DA LITTERATURA
DOS
LIVROS DE CAVALLARIAS.

ADVERTENCIA.

Imprimem-se deste livrinho cem exemplares em velino que serão numerados, antes de postos em venda. Outros exemplares se tiram em papel de menos corpo, para serem enviados pelo correio a alguns juizes competentes.

Nº 86

(Fac-simile do Codice 2594 da Bibl. Imp. de Vienna, descripto de pag. 19 a 23.)

Como os da corte souberõ que galaaz
era filho de lançelot. Como leera as letras.

Aquelle seraão souberõ
os mais da casa del rei artur q̃
era gallaaz filho de lançarot ca
nom podia seer que fazenda de
tã grande homem como gallaaz

DA LITTERATURA

DOS

LIVROS DE CAVALLARIAS

ESTUDO BREVE E CONSCIENCIOSO:

Com algumas novidades acerca dos originaes portuguezes e de várias questões co-relativas, tanto bibliographicas e linguisticas como historicas e biographicas, e um fac-simile.

VIENNA.

Na imprensa do Filho de Carlos Gerold.

1872.

Ediçào or conta do autor.

Meu caro amigo * * *

A sua última chegou-me ás mâos justamente quando acabava de escrever este opusculo.

O valor que V. nella dá ás indicaçôes que no *Cancioneirinho* faço acerca dos manuscriptos portuguezes da Tavola Redonda e do Santo Greal me animam a rematar este novo escripto, dedicando-o a V., certo de que me corresponderá com franqueza; pois, como Ferreira,

»o juizo quero
De quem com juizo, e sem paixâo me lêa«.

Acredite que nunca me havia passado pela mente o vir a escrever acerca dos assumptos de que ora trato. Mas buscando, no verâo último, ao concluir a impressâo da Historia dos Hollandezes (no Brazil) de que já lhe mandei um exemplar, algum desenfado menos sério na leitura das historias fabulosas,

tal é a minha sina ou a minha queda, como filho das mathematicas, para investigar a verdade, que me achei rebuscando e, quasi sem o desejar, rabiscando essas paginas, das quaes algum serviço resultará ás lettras portuguezas.

V. bem sabe que nâo sou eu dos que escrevem, sem ter que dizer de novo, e menos ainda sou do número dos fazedores de livros, com os pensamentos dos outros, a maior parte das vezes sem os citar. A este respeito tratarei de certo ajuste de contas em melhor occasiâo.

Com este livrinho receberá V. um exemplar da nova impressâo, mais correcta, do *Cancioneirinho*. Acceite igualmente mui cordiaes boas festas e um saudoso abraço de seu etc.

F. A. de V.

VIENNA, 2 de Janeiro de 1872.

§. I.

Litteratura dos livros de cavallarias. Sua influencia na civilisação europea. Sua antiguidade. Prioridade entre os dois primeiros cyclos.

Os livros chamados *de cavallarias* constituiram sem dúvida na Europa, durante parte da idade media, e ainda mais de um seculo depois de descoberta a America, a sua principal litteratura; e contribuiram muito para o desenvolvimento das linguas modernas e para augmentar o gôsto pela leitura; e, em meio dos desmandes que provocaram, infiltrando a galanteria dos cavalheiros serventes,

foram de grande auxílio ao christianismo na sua missâo civilisadora de prégar tolerancia e generosidade, soccorrendo o proximo, abatendo os déspotas orgulhosos, e exhaltando os innocentes e humildes. Ao attentar no grande número de taes livros que se escreveram *), nas ediçôes sem conto que de varios delles em differentes linguas se fizeram, e no como a sua leitura chegou a ser uma especie de mania, nâo parecerá temeridade aventurar que essa leitura veio a exercer nos espiritos uma influencia poderosa, analoga ou ainda maior que a exercida em nossos dias pelo jornalismo.

*) Haja vista, sem ir mais longe, só o número de codices franceses (mais de setenta) existentes na Bibl. Pub. Parisiense, catalogados por Mr. P. Paris até o sexto volume da sua obra »*Les Manuscripts français.*«

Já não é hoje mysteriosa a origem dessa litteratura, contemporanea das cruzadas e das guerras que tiveram logar entre os christãos e os infieis no sul da Europa. Não inspiraram é certo essas guerras as lendas que vieram a servir de nucleo á maior parte dos livros de cavallarias; mas sem dúvida subministraram aos autores dellas muitas descripções e episodios.

Os mais antigos de taes livros eram já familiares no sul e occidente da Europa, antes da invenção da imprensa; e ainda existem nas bibliothecas, ou se tem notícia de que existiam, muitos codices com essas histórias fabulosas e mythologicas de nova especie, que conseguiram, dentro de pouco, supplantar a effeminada litteratura das poesias artificiaes dos trovadores; a qual, alias,

nunca chégara a sair dos estrados ou salões das côrtes.

A' frente desses livros figuram, por sua maior antiguidade, os de *Carlos Magno* e do *Rei Arthur*, ou antes os dos cyclos *carlovingio* e *arthurino*. Se as composições daquelle cyclo appareceram primeiro já com certo nexo e acabamento, nas do segundo vieram a entrar elementos julgados de mais antiga data; e por isso dellas trataremos antes.

§. II.

Elementos primordiaes das novellas arthurinas. Livro de Monmouth. Lendas d'Arthur, de Merlin e do Santo Greal. Discussão acerca da origem desta e do livro que a desenvolveu como de inspiração divina. Romance em verso de Rob. de Boron. Textos portuguezes acerca da historia daquella reliquia.

Bem que procedentes de antigas tradições historicas, poeticas e religiosas, os elementos principaes que vieram a dar assumpto ás primeiras novellas arthurinas, só foram apresentadas com certo nexo, no meiado do 12º seculo, pelo benedictino inglez Geoffroy de Monmouth (Galfredus Mo-

nemutensis), o qual ao mesmo tempo as ampliou e engrandeceu, provavelmente para lisongear os seus nacionaes; conforme já então lhe lançou em rosto o severo crítico Guilherme de Newburg *). Os escriptos do dito Monmouth exhaltavam as proezas de um rei Arthur, que se distinguíra na luta dos Bretões insulares contra os Saxões, favorecido pelas artimanhas e poderes sobrenaturaes do magico ou encantador Merlin, filho, segundo o dito benedictino, de um diabo íncubo. Cumpre porém notar que a uma entidade daquelle nome (adulterado segundo alguns de outro analogo com que é designado no *Barzaz Breiz* ou cantos populares dos antigos Bretões) se associavam an-

*) Vej. Paulin Paris, *Les Romans de la Table Ronde* etc. Paris 1868, T. 1º, p. 24 a 87.

tigas tradições na Cambria, em Cornualhes, na Escocia e na Armorica. O que acerca da dita entidade houve de mythologico, de real, de legendario, e (depois) de novellesco, bem como a influencia historica, politica e poetica que exerceu, foi objecto do trabalho especial de um academico francez dos nossos dias *), cujas idéas não caberia nos limites deste escripto repetir aqui. Baste-nos porém saber que os factos mencionados por Monmouth foram pouco depois (1155) postos em versos francezes pelo normando Wace **), ja mais ampliados, e foram subsequentemente

**) No *Roman du Brut*, que foi publicado por Mr. Le Leroux de Lincy; Rouen, 1836—1838, 2 vol., 8°.

*) Villemarqué, *Myrdhhinn ou l'Enchanteur Merlin, son histoire, ses oeuvres, son influence*, etc., Paris, 1862. Veja-se tambem Paulin Paris,

por outros paraphraseados. Nâo falta porém quem va achar o typo original de Merlin, de um ente com figura humana que nâo havia tido pai, em uma novella oriental *Sendebad*, traduzida para o grego com o nome de *Syntipas*, de que poderam haver trazido ás ilhas britanicas notícia os primeiros cruzados; notícia em vista da qual haveria Monmouth arranjado a lenda a seu modo.

Mas independemente da lenda de Merlin, desde muito antes do seculo de Monmouth, existiam radicadas entre os Bretôes insulares certas crenças religiosas, de que os primeiros novellistas do cyclo arthurino souberam igualmente tirar grande partido, para dotar

Les Romans de la Table Ronde, 1868, Tom. 1°, p. 359 e seg.

as suas composições de muito de maravilhoso, por meio de especies em que já acreditava o vulgo, para com satisfação as aceitar. Referimo-nos ás tradições acerca do *Santo Greal*, em latim postas por escripto por certo anonymo que, nas proprias paginas, se diz religioso, e declara havel-as recebido das mãos de Deus, como o propheta do Sinai as taboas da lei. Esse livro posto em vulgar, com mais ou menos variantes, corre impresso com o nome de *Historia do Santo Greal.*

A darmos credito ao autor da primitiva historia do Santo Greal devia este escripto remontar ao quarto lustro do oitavo seculo; visto declarar que as revelações divinas lhe haviam sido feitas no anno de 717 da nossa era. E' porém possivel que, embora algumas

das especies incluidas no livro fossem de tradiçâo muito mais antiga, o livro e seu autor fossem muito mais modernos. Entre tanto era sem dúvida de tradiçâo antiga que a Bretanha insular havia sido cathequisada e convertida ao christianismo, no terceiro ou quarto seculo da nossa era, por um santo missionario que viera d'alêm-mares, como por milagre, e tinha deixado até fundado no Sommersetshire o mosteiro de Glastonbury, onde ficára enterrado seu corpo; e é facto historico que, no sexto seculo, os christâos bretôes tinham em seu ritho, na cerimonia do baptisado e na assignaçâo do dia da paschoa, differenças notaveis do da igreja romana; o que, alias, tambem succedia com os christâos muzarabes da Hespanha, que ainda hoje, com be-

neplacito de Roma, seguem seu antigo ritho, em capellas especiaes de duas das primeiras cathedraes da Peninsula.

Seja porém do seculo oitavo, ou muito mais moderno, o livro do improvisado profeta bretâo anonymo, é sem dúvida que nelle se encontra uma narraçâo mui extensa e methodica de tudo quanto succedêra ao Santo Greal, isto é a uma escudela em que o centuriâo José d'Arimathêa (valha a verdade) havia recolhido o *sangue real* *) de N. S. Jesu Christo. Com o favor dessa reliquia o Arimathéa havia passado mais de quarenta dias sem comer, havia convertido muitos infieis das ban-

*) Tal é uma das etymologias dadas aos vocabulos *Santo Greal.* Outros derivam de *Gradal;* e Boron diz, com liberdade poetica, que provinha o nome de que ninguem podia ver a reliquia »*sans la prendre en gré.*«

das do Eufrates, havia vencido muitos inimigos, e por fim, com uma grande colonia de neo-christâos, havia milagrosamente chegado ás ilhas britanicas, onde, depois de converter muitos povos, fallecêra; havendo antes confiado a reliquia a seu filho mais velho, sagrado bispo pelo proprio Salvador.

O filho continuou na tarefa da cathequese daquelles bárbaros. A pedido de certos povos (que por falta de nome nâo percam) mandou-lhes de rei o seu irmâo Galaad, o que foi causa de que o novo reino se ficasse dahi em diante chamando *de Galles*. Por fim, chegou tambem ao bispo, filho do Arimathéa, o seu turno de passar para o outro mundo; mas, antes de fazer ablativo de viagem, deixou a reliquia mui recommendada a um parente rico, que

edificou para ella um palacio; seguindo-se muitas historias, e muitos *autem genuit*, como era de razâo; visto que haviam decorrido já seculos. A milagrosa reliquia foi passando de mâo em mâo nas ilhas britanicas; mas estava em uma especie de encantamento, que só poderia vir a quebrar um cavalleiro bem nascido e puro; circumstancia esta que poderia haver sido acrescentada pelos autores das novellas que se aproveitaram da lenda.

O que se apresenta como mui provavel é que o tal livro, que se inculcou como revelaçâo, fosse escripto com algum fim politico. O certo é que a simples lenda impressionou por tal modo um poeta normando dos fins do seculo 12º e principios do 13º que, sem haver lido o livro inspirado, resolveu escrever,

acerca da primeira parte della, um romance francez, que foi dado á luz *) em nossos dias. Esse poeta foi Roberto de Boron.

Depois de posto em romance, chegou o livro do Santo Greal a ser publicado em várias linguas; com mais ou menos interpolações: algumas das quaes seriam introduzidas depois de compostas muitas das novellas arthurinas, para as deixar mais de accordo com essa especie de evangelho na crença do povo. Em portuguez escreveu delle um resumo o Dr. Manuel Alvares, corregedor da ilha de S. Miguel, que o offereceu o D. Joâo 3º; e ainda em nossos dias se conservava manuscripto. Antes, em 1496, havia sido impressa em Lisboa, uma chamada *Estoria de mui*

*) Por Mr. Francisque Michel; Bordeaux, 1841.

nobre Vespasiano *), composiçâo por ventura inspirada pela leitura do livro do Santo Greal, mas cujos pormenores sâo differentes.

*) Veja no fim a nota a esta pagina.

§. III.

Historia de Merlin. Tavola Redonda. Principaes novellas do cyclo. Recopilação dellas. Traducção portugueza. Codice existente em Vienna. Outros livros deste cyclo. Segunda Tavola Redonda.

Depois de haver posto em versos franceses a primeira parte das tradições do Santo Greal, Roberto de Boron deliberou escrever em prosa a *Historia de Merlin.* O que porém compoz, sob esse titulo, foi verdadeiramente uma engenhosa novella, que, recebida com grande acolhida, engendrou outras que vieram a formar um cyclo d' ellas.

Impressionado como ainda se achava Boron com a maravilha do Santo Greal, tirou dessa crença popular bastante partido, e o mesmo vieram a fazer os seus continuadores. Na primeira novella, Merlin é a principal figura, e intervêm em tudo, começando pelo modo como foi concebido o rei Arthur. A's qualidades sobrehumanas de que devia ser dotado, como filho de anjo, ainda que anjo cahido, reunia as que herdára de sua piedosa mâi, e que lhe haviam sido conferidas pela agua do baptismo. Assim a sua influencia é sobrenatural, mas benefica.

Dotado de altas miras politicas, e com o fim de animar os cavalleiros a grandes feitos pelo estimulo, aconselhou Merlin a instituição de uma Mesa ou *Tavola Redonda*, com um mysterioso

logar reservado; reminiscencia de outra mesa, já por Boron descripta no poema de José d'Arimathéa, por ventura amplificada pelas leituras das proezas dos companheiros de Carlos Magno. O logar reservado se declarou depois destinado para o futuro recuperador da reliquia do Santo Greal; e a tal *Mesa* tanto veio a figurar em todas as novellas deste cyclo, que foi por isso elle com razão igualmente denominado da *Tavola Redonda.*

A' chamada *Historia de Merlin* seguiu-se a *do Rei Arthur*, em nosso entender, ainda da penna do mesmo Roberto de Boron, que a redigil-a se havia compromettido *).

*) Veja-se fol. 102 v. do Ms. nº. 747 (da Bib. de Paris) citado pelo Sr. P. Paris. O ler-se no fim da *Historia de Merlin* que o »reino

Appareceram logo as historias de *Tristám* e de *Lancelote*, e depois as de *Galás* e *da Morte de Arthur;* atribuidas a primeira a Luc du Gast, de Salisbery, e as outras a Gauthier Map, ou (como dizem os Inglezes) Mapes.

Destes seis livros arranjou uma especie de refundição e recopilação Helie de Boron, que passa por autor de outra novella differente chamada de *Gyron o Cortez*. Dessa recopiação se valeu o redactor de um texto portuguez, que devia constar, como o inglez de Sir Thomas Malory, de tres tomos; dos quaes o último chegou até nós, e se guarda na Bibliotheca Imperial de

ficára muito tempo em paz, sendo que a *Historia de Arthur* começa com guerras, não seria objecção de pezo. Os poetas tem, como os pintores, o que chamam *arrependimentos*.

Vienna *). E' um volumoso codice de 199 folios de pergaminho, escriptos em duas columnas de ambas as bandas, em lettra do 14° seculo, um tanto parecida á em que demos as trovas do nosso *Cancioneirinho* e á parte (última) do Lancelote em valenciano, escripta em 1380, que se conserva na Ambrosiana de Milão **).

*) Cod. 2594. Veja o *Catalogo* imp. dos Mss., Tom. 2°. p. 105; bem como a memoria de Wolf no vol. 14 da Cl. de Hist. Bibliologica da Academia das Sciencias de Vienna. A primeira notícia deste codice appareceu publicada no Anzeiger do fallecido Franz Joseph Mone, Karlsruhe, 1838, p. 551.

**) O intelligente e digno Prefeito dessa Bibliotheca; Rev. P. Antonio Caviani, remettendo-nos um fac-simile do codice, informa ser de 140 folhas, em duas columnas, haver pertencido a Joa. Vinc. Pinelli, adquirida para a Bibl. em 1609; estar nella com a designação J. 79. sup. e corresponder a sua doutrina á da edição

No codice de Vienna os pequenos capitulos ou párrafos estão designados por meio de maiusculas ou de pequenas distancias, em que, a principio, se chegaram a escrever os titulos com lettra encarnada. No alto da primeira pagina veem-se as tres lettras *J h s*, o que mostra ser ahi o principio de um novo tomo (sem dúvida o terceiro e último) visto que essa invocação não se encontra nas demais. No primeiro capitulo porém apezar de começar a primeira palavra com lettras mais gradas, não foi escripto o titulo em lettra encarnada como nos immediatos, e começa logo no cimo da pagina: »*Vespera de pentecoste foy grande asuada em Ca-*

franceza de Paris de 1533, desde o cap. 5.º ao cap. 116.

maalot) asi q podera homem hi veer muygram gente, mujtos cavalleyros e muytas donas muj bem guisadas.*« O immediato capitulo tem por titulo: »*Como a donzella disse a lancelot q fosse cô ella*» — Vem successivamente depois os seguintes: »*Como lancelot se foy cô a donzella*«; »*Como lancelot chegou abadia*«; »*Como galaaz prometeo ao ermitam o q lhe pedia*«; »*Como lancelot fez galaas caualeiro*«; »*Como lancelot uiu booz e lionell q ueherô apos ell*«; »*Como lançelot e booz e lionell chegarô aa corte*«; »*Como o caualeiro cayu da fresta braadâdo*«, etc. Seguem-se mais vinte e tres outros capitulos até ao que começa no verso da fol. 10°, e que damos em fac-simile,

*) E' o antigo *Camulodunum* ou Colchester.

havendo-o preferido por ser ahi o pergaminho mais branco e sem pregas, e poder assim ser melhor zinco-photographiado.

Pelos titulos que acima transcrevemos poderâo os leitores ter uma idea da parte da grande novella que abrange o codice. Vem a ser toda a relativa ás historias de *Galás* e da *Morte de Arthur;* da mesma forma que no terceiro volume do texto inglez (impresso pelo menos onze vezes desde 1485 para cá) com a differença que só abrange o assumpto tratado desde o cap. 29 do mesmo volume, por haver-se no texto portuguez querido começar o 3º volume desde que Galás é armado cavalleiro, e no inglez desde que foi gerado no seio da bellissima Elena.

E já que nos valemos para compa-

ração do texto inglez, a elle nos referiremos, quanto aos assumptos das primeiras novellas que foram refundidas. Cremos que no cap. 60 do 1° volume acaba a recopilação da antiga *Historia de Merlin*, e no 99° a *Historia de Arthur*. So fazendo acabar na morte de Merlin a sua historia é que se póde bem explicar o nome de *Brado de Merlin* dado, em outros textos, a essa *historia*; sendo que nesses textos, em vez de se fazer desaparecer Merlin encantado debaixo de uma grande lousa, é elle transformado em espinheiro branco, dando um grande berro, que se ouviu dahi a tres legoas.

Os livros de *Merlin*, de *Tristam* e de *Galás* cremos que estiveram postos em portuguez; pois encontramos menção delles na lista, que corre impressa, dos

livros d'elrei D. Duarte; e sem advertencia de estarem em lingua estrangeira que se nota em algum outro.

Já em tempo de D. João 1º eram mui lidas em Portugal as novellas da Tavola Redonda; concorrendo talvez para isso a circumstancia de ser ingleza a mulher desse rei de nascimento não legitimo como o Arthur, mas como este grande cavalleiro. O proprio rei e seus filhos usavam de divisas em francez, como os antigos cavalleiros inglezes.

Outras novellas deste cyclo se deram ao prelo nos fins o seculo 15º e principios do 16º, com o nome do cavalleiro *), de que mais especialmente se occupavam. Algumas dellas conte-

*) *Galvam, Giglan, Rei Meliadus, Cleriadus, Isaias (o Triste), Perseval,* etc.

riam por ventura os textos primitivos, antes de refundidos; outras parecem posteriores á *Morte d' Arthur*.

A novella original de Tristam passa por uma das melhores das que entraram na collecçâo refundida, occupando quasi todo o 2° volume da texto em inglez. Teve essa novella tanta acceitaçâo, que correm della impressas traducçôes, nâo só em italiano e allemâo, mas até até em dinamarquez e em bohemo.

Annos depois de ser essa novella publicada em castelhano, apareceu (na Hespanha) outro *Tristam* chamado *o moço*, o qual, ostentando de mui nacional, nâo duvidou alardear suas proezas, nâo so na propria Peninsula, como até em uma das ilhas Canarias, afim de ahi libertar certa Irlandeza, mulher

de um candido Portuense com este levada áquelle archipelago, pela fôrça do temporal. Segundo o autor castelhano, mettendo-se a gracioso, e tirando para isso todo o partido das antipathias internacionaes, o Portuense não poude libertar a esposa do podêr dos gigantes senhores da ilha, porque apezar de ser *fidalgo*, não era *cavalleiro*; pelo que foi necessario que o novo *Tristam* fosse la fazer o milagre.

Annos antes havia sido publicado em Toledo *) o *Tablante de Ricamonte*, igualmente novella castelhana pertencente o este cyclo.

*) Vimos desta novella a edição de 1526, que possue a Bibl. Imp. de Vienna; mas consta que já antes, em 1513, havia sido impressa, tambem em Toledo. A de 1526 é um pequeno vol. de 48 folhas de 4°, sem paginação, e em lettra gothica.

Nenhuma das novellas de que fizemos mençâo chegou a ser dada ao prelo em lingua portugueza. Além de nâo ser entâo esta lingua falada por uma populaçâo bastante numerosa para assegurar o consummo de qualquer ediçâo, parece que os curiosos em Portugal se haviam acostumado a ler taes novellas em castelhano. E cremos ser até disso uma prova a traducçâo que da conhecida *Historia dos Nove da Fama* publicou em Lisboa no anno de 1530 em lingua castelhana o portuguez Antonio Rodrigues. Corria essa historia publicada em lingua franceza desde 1487, data da 1ª ediçâo feita em Abbeville. Um dos taes nove é o legendario rei Arthur, com os contos do Merlin e da rainha Genebra, e outro é o *Carlos Magno* dos Doze Pares;

pelo que com muita razão é esse livro contado pelos bibliographos desta especialidade no número das novellas de cavallarias. Já o editor Caxton do texto inglez das novellas d'Arthur citava em 1485, por seus nomes, esses nove prezados (*worthy*) da fama, tres gentios, tres judeos e tres christãos.

Se porém, como diziamos, não foram impressas em portuguez as novellas da Tavola Redonda, veio Portugal a desforrar-se, no meiado do seculo 16º, encerrando o cyclo com uma composição, em prosa e verso, publicada segundo parece anonyma, mas do eximio Jorge Ferreira de Vasconcellos, com o titulo de *Memorial da Segunda Tavola Redonda*, que ainda não conseguimos ler, em consequencia da sua excessiva raridade; havendo motivos para crer

que seja uma nova edição da obra que, acerca do mesmo assumpto, poucos annos antes, publicára com o titulo de *Triunfos de Sagramor*. Sendo assim, deve ser uma especie de continuação do *Tristam*, a quem na propria hora da morte 'acompanhou o seu amigo Sagramor, e não será impossivel que, com outro nome e alguns disfarces mais, corra traduzida em alguma outra lingua.

§. IV.

Cyclo Carlovingio. Origem do livro dos Doze Pares. Os Nove da Fama. Marquez de Mantua. Camões. Traducção portugueza. Primeira, segunda e terceira parte do Carlos Magno. Popularidade em Portugal. Porque ficariam banidas outras novellas. D. Quixote.

Sem dúvida, mais livre de contestações que as novellas precedentes se nos apresentam as carlovingias, cujos feitos, com mui pequenas variantes, se cantaram desde logo nas *Chansons des Gestes,* e foram compendiados em latim na chamada chronica de Turpin, que passava por historia verdadeira no tempo do papa Calixto 2º

(1119—1124), e que traduzida em francez, pelo menos ja desde 1207 *), deu origem ás muitas produções deste cyclo, em que rivalisaram em producções em prosa e em verso a França com a Italia; adquirindo a primasia esta última nação em producções impressas, ainda antes que o genio do poeta, por ventura mais fecundo que tem vindo ao mundo, enriquecesse prodigiosamente o cyclo com o seu incomporavel *Orlando furioso*.

Neste cyclo carlovingio pouco se assignalou Portugal; contentando-se os seus filhos, como os de suas colonias, com ler, mais que nenhum outro livro, a famosa »*Historia de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*«,

*) Veja Paulin Paris, *Manuscrits français*, etc., vol. V, p. 26.

já em resumo, no texto dos *Nove da Fama*, que segundo vimos fôra em castelhano publicado em Lisboa em 1530, ja no proprio livro de *Carlos Magno*, de que em 1613 se chegou a fazer na quella cidade uma ediçâo especial, igualmente em castelhano. Em todo caso, porém, nâo podemos pôr em dúvida que desde o seculo XIV as historias de Carlos Magno e de Roldan eram conhecidas nas Hespanhas *).

Guardemo-nos entretanto d' allegar em prova disso aquelles conhecidos

*) Eis do sec. 14° versos (de P. Ferrús) referindo-se ás novellas:

»Carlos Magno, Don Roldan,

. . . .

Segun en los libros yas.«

O seguinte, do sec. 12°, refere-se aos poemas:

»Cantam de Oliveros e cantam de Roldan«.

versos de Valdevinos no Marquez de Mantua *de cordel:*

» Oh valentes cavalleiros!
»Reinaldos de Montalvâo!
»Oh esforçado Roldan!
»Oh marquez Dom Oliveiros!

Porque se ja tinhamos desconfiança que essa composiçâo, tanto pela fórma, como pela linguagem, era muito mais moderna que Gil Vicente, e nâo passaria de principios do seculo 17º (e assim o declarei uma vez ao illustre poeta Garrett, que, como é sabido, tinha a esse respeito outras ideas) hoje estamos disso convencidos e cremol-a posterior ao anno de 1619, e por conseguinte á ediçâo de 1613 do *Carlos Magno*, que antes mencionámos. Provêm a nossa convicçâo de havermos reconhecido, por proprio exame, que o auto tragico portuguez do Marquez de

Mantua, não é mais do que uma imitação e resumo do de Lope de Vega, de igual titulo, impresso em 1619 na 12ª parte de suas obras, de fol. 141 a 164; com a differença de haver o compositor portuguez (que não duvidamos fosse Balthasar Dias, como diz Barboza) deixado de fóra, com razão, todo o 1º acto e quasi todo o 2º, os quáes contêem factos, de que ao depois a propria narração da notícia; começando só a aproveitar da idéa de Lope de fol. 153 em diante, desde que aparece na selva o marquez; cingindose nesta parte ao competente romance em castelhano que corria impresso desde o seculo anterior, e que, entre os sete com o mesmo titulo que publicou Duran, é sem dúvida o de mais interesse. Pelo nome de *Carloto,* e pela

importante figura com que se apresenta o lombardo *Mântua,* julgamol-a, na origem, producçâo da Italia, paiz que, como dissemos, primou sobre todos em composiçôes carlovingias; isto sem prejuizo de que já estivesse naturisada em romance castelhano, a ponto que o fabuloso D. Quixote o sabía de cór; e era em seu tempo (1604), (antes de ser levada á scena por Lope de Vega) »*historia sabida de niños, no ignorada de los mozos, celebrada y aùn creida de los viejos; y con todo esto* (acrescenta Cervantes) *no mas verdadera que los milagros de Mahoma.*«

Tâo pouco nos pode servir de prova o lembrar-se Camoens das »vâs façanhas«

»Phantasticas, fingidas, mentirosas«

de

.... »Rodamonte e o vâo Rugeiro
»E Orlando inda que fôra verdadeiro« *)

nem de ter dito

»Pois pol-os *Doze Pares*, dar-vos quero
»Os Doze d'Inglaterra,« etc.

Tudo sâo referencias aos poemas italianos, e especialmente ao Ariosto, que elle muito havia lido; ao passo que nâo se encontram nos »Lusiadas« nenhuns vestigios de leituras das fabulas da Tavola Redonda, ou dos Amadizes ou dos Palmeirins; nem que o mesmo Camoens, com o seu muito bom senso, deste modo tacimente protestasse, como

*) Anco finto non fosse, il magno Orlando«, traduz Felice Bellotti. Nâo conhecemos dos *Luziadas* melhor traducçâo: estancia por estancia. Temos della a magnifica ediçâo em 8° grande, feita em Milan em 1862 (nâo sabemos se ha outra) em papel velino.

expressamente o fizeram outros escriptores do seu seculo, anteriores a Cervantes, segundo adiante provamos, contra essa mania do seculo, ja antes condemnada por Dante e Petrarca.

Voltando porém ao insigne *Carlos Magno,* a traducçâo portugueza delle foi feita pelo medico Jeronimo Moreira de Carvalho, e publicada por primeira vez em 1728; e tal aceitaçâo encontrou, que logo em 1737 se lhe juntou, uma segunda parte; e pouco depois (1745) uma chamada *terceira,* da qual se deu por autor o presbitero Alexandre Caetano Gomes; que provavelmente nâo faria mais que traduzir do castelhano algum dos livros no paiz visinho escripto acerca das apregoadas façanhas de Bernardo del Carpio; — especie que ora nâo tratámos de averiguar.

Deixemos taes averiguações a quem tiver occasião de se dedicar ao estudo especial (tendo presente as edições em differentes linguas) da historia e procedencia de cada um dos livros das duas outras partes.

A primeira parece uma especie de refundição de tres pequenas novellas anteriores; correspondendo á primeira dellas os livros 1º e 2º, que tratam do conquista de Jerusalem, conversão de Ferrabraz e conquista dos estados e senhorios do almirante Balão; á segunda os livros 3º e 4º, com as proezas de Carlos Magno na Hespanha contra os Mouros, com o favor do apostolo Santiago, seu regresso á França e Allemanha, e sua morte, com a de outros Pares, incluindo Roldão; e á terceira o livro 5º [de origem sem

dúvida italiana], com o nascimento e vida do dito Roldâo, em quanto nâo armado cavalleiro por Carlos Magno.

Os quatro livros da segunda parte narram, com muitos pormenores, factos que o seu autor declara deverem todos entrar entre os dois primeiros capitulos do livro quarto da precedente parte. Se a redacçâo nâo é original (como nos parece que é) a linguagem é, em todo caso, portuguezissima; e nâo se lhe notam erros de traducçâo, como na primeira. Nesses quatro livros dá o autor conta: 1º Da ida de Carlos Magno a Paris, e seu immediato regresso á Hespanha, a sujeitar Abderraman, e a entrar triumfante em Toledo; 2º Da aventura de Roldâo na cova Tristefea, novas victorias, e fuga de Abderraman para *a Etiopia;* 3º Da conquista de

Cordova; 4º Finalmente de uma ida de Carlos Magno á Italia a soccorrer o Papa; de uma ilha Cofornia; arribada á Sicilia; erupçâo do Etna; regresso á França a travez dos Alpes nevados; excursâo em soccorro d'Inglaterra contra Oláo de Dinamarca e volta a Toledo, onde vence de novo a Abderraman, que morre; casando-se tanto Carlos Magno como Roldâo.

O que nâo ha dúvida é que a *Historia do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França* chegára em Portugal e suas colonias a adquirir tal popularidade que rara era a casa em que a nâo havia, ao lado da *Folhinha* e das *Horas Marianas*, e contados os jovens que a nâo haviam lido algumas vezes, ou nâo retinham della de cór alguns trechos; proscrevendo-se

assim quasi de todo as leituras, não só dos *Contos e historias* de Gonçalo Fernandes Trancoso e das *Novellas Exemplares* e *Constante Florinda* de Pires Rabello, como até das recommendaveis producções do judicioso Francisco Rodrigues Lobo, que ainda hoje não são apreciadas pelo público quanto merecem.

Daqui se deprehende não ser verdadeira a theoria dos que crêem que o apparecimento do Quixote, em 1605, foi uma especie de remedio homeopatico que curou a mania das leituras dos livros de cavallarias. Cremos sim que faria não aparecerem mais litteratos como autores de taes livros, mas, em nosso entender, o que mais haverá contribuido a acabar com essas leituras deve ter sido a falta de livros, cuja reimpressão, ao menos dos mais licen-

ciosos, parece haver sido prohibida, ou cohibida, por algum accordo entre os tribunaes censorios e as inquisições dos differentes reinos da Hespanha, no tempo que Portugal estava unido. Só assim explicamos a falta completa em Portugal de novas edições do Palmeirim e seus successores, além de outros, durante o seculo 17° e grande parte do 18°; havendo até em Portugal sido prohibida, por alvará de 16 de Nov. de 1623, a entrada de quaesquer livros impressos fóra, sem licença do Dezembargo do Paço. Independentemente de Cervantes, e antes delle, já outros escriptores notaveis, como Venegas, Pedro Mexia e principalmente Luis Vives *), se haviam

*) *Hoc ergo curare leges, et magistratus congruit. Tum et de pestiferis libris, cujusmodi sunt in Hispania Amadisus, Splandianus, Flo-*

levantado séria e eloquentemente contra taes »sermonarios do diabo,« corruptores das donzellas, e recheados de exemplos contra os bons costumes. O proprio Bernardim Ribeiro, no dialogo entre as duas damas, que fazem prologo á sua novella de cavalleiros andantes, de que adiante trataremos, faz uma dellas notar o perigo para o seu sexo de tal leitura: »Que cuidava eu que um cavalleiro apostamente armado, sobre seu fermoso cavallo, ... podia ir tâo triste como uma delicada don-

risandus, *Tirantus*, *Tristanus*, *quarum ineptiarum nullus est finis*, etc. (Vives, De Christiana femina.)

.... »*Lancilotum et Mensam Rotundam Gallicam*, *Rolandum Italicum: qui libri* .... *tantum ad inanem quamdam*, *et præsentem titillationem voluptatis*,« etc. (Vives, De causis corruptarum artium.)

zella.... Maneiras tem os cavalleiros pera se mostrarem mais tristes do que são«, etc.

E não só cremos que não se imprimiram muitos livros por falta de licença, como temos a certeza de que os ja impressos se fizeram escaços ou se *exterminaram* pela perseguição. O *Santo* officio publicava annualmente um indice dos livros defesos, ordenando por essa occasião (§. 29 do titulo V. do regimento de 22 de Out. de 1613) que os que possuissem exemplares de taes livros os fossem entregar ao mesmo Santo officio, sendo todos obrigados tambem a denunciar os que a cada um constasse existir em poder de outrem.

D' est' arte é mais que provavel que o auto de fé parcial feito em Argamasilla, com tanta discrição e crítica,

aos máos livros de Don Quixote, já haveria sido precidido de varios outros dos melhores livros de cavallarias, nos pateos do santo tribunal. Desses autos de fé escapariam sem duvida os exemplares do *Carlos Magno;* pelo que succedeu que este livro, depois da publicaçâo do Quixote [que em Lisboa teve duas *) ediçôes logo em 1605], seguiu sendo lido; vindo essa leitura a ser de todo popular, desde que appareceu publicada a traducçâo portugueza; sem nada prejudicar á mesma leitura a traducçâo do Quixote no principio deste seculo (1803).

*) Uma por Pedro Craesbeeck e outra por Jorge Rodrigues, »*com licença do santo officio.*«

§. V.

Novo cyclo. De Familias ou typos prolificos. Tronco dos Amadizes. Quem foi o seu autor e em que tempo foi escripto. Provas e contraprovas. Os dois sonetos. Azurára.

Em composições exclusivamente de um ou outro dos dois mencionados cyclos se estava absorvendo exclusivamente a vêa dos novellistas, quando veio ao mundo o Amadiz, primeiro typo de um novo cyclo, que (apartando-nos da classificação, por outros proposta) chamaremos *de familias* e genealogias.

»Qual foi a nacionalidade do primeiro *Amadiz?*« Ou antes: »Quem foi

esse genio privilegiado que fez sair do nada, não só um novo typo ou um novo ente imaginario, mas até muitas gerações delle?

Trataremos de dilucidar este problema, sem nenhuma sorte de prevenções; e levados somente pelo amor da verdade e da justiça. Devemos porém confessar que tão alheias a éstas e ás regras da crítica encontramos alguns juizos que lemos, que não duvidamos declarar que a idéa de aventarmos especialmente sobre este importantissimo ponto a nossa opinião foi a que mais nos impelliu a escrever este opusculo. Vamos porém á questão.

Reconhecem os criticos, e provou-o bem o S^r^ Gayangos, que já no princípio da segunda metade de seculo 14º se liam e estavam mui vulgarisados em

Castella os tres primeiros livros do *Amadiz*. São esses tres livros até citados em uma poesia de Pero Ferrús, que vem publicada no cancioneiro de Baena, e que contêm os seguintes versos:

»Amadys el muy fremoso

. . . .

. . . .

Sus proezas fallaredes
En tres libros, etc.

As provas são taes e tão concludentes que somos obrigados a aceitar este ponto como incontroverso, e por conseguinte a considerar menos averiguadas todas as noticias ou indicações que com elle não concordem.

Passemos agora á revisão dos autos. Examinemos o texto castelhano impresso da propria novella d'*Amadiz*, já que se não sabe da existencia de nenhuma

cópia mais antiga. Eis o que dá de si esse texto, consultado no livro 1º, cap. 40, que corresponde ao 41 das traducções estrangeiras, todas provenientes da franceza, na qual as linhas que vâo servir ao nosso argumento foram supprimidas. Tratando do grande amor que nasceu no peito de Briolanja pelo bello e heroico Amadiz prosegue o texto:

»Por muy gran fuerza de amor constreñida, no lo podiendo su ánimo sofrir ni resistir, habiendo (Briolanja) cobrado su reino, . . . fué por parte della requerido que dél y de su persona sin ningun entrevalo señor podia ser; mas esto sabido por Amadis, dió enteramente a conocer que las angustias é dolores, con las muchas lágrimas derramadas por su señora Oriana, no sin gran lealtad las pasaba, *aunque el señor infante don Alfonso de Portugal, habiendo piedad desta fermosa doncella, de otra*

guisa lo mandase poner. En esto hizo lo que su merced fué, mas no aquello que en *efecto de sus amores se escribia«* *).

Revela pois o proprio texto da novela que foi um Infante D. Alfonso de Portugal quem indicou ao autor della que modificasse o rigor com que tratáva a Briolanja. Mas então o autor devia estar mui em contacto com esse Infante, para receber delle as inspirações e ordens, e já se pode imaginar que seria portuguez, quando alardêa assim o ter cedido ás observações do Principe. Mas que Infante D. Alfonso de Portugal pode ser o de que se trata? Tem-se dito que devia ser o filho de certo Duque de Bragança. Ora isto é impossivel de admittir; por quanto os

Parte do repugnante §. que segue, em que se faz referencia ao livro 4°, foi evidentemente acrescentada depois.

filhos dos duques de Bragança (antes de subirem ao throno em 1640) não eram Infantes, e unicamente o mais velho herdava o titulo de duque, e só de duque, pela morte do pai. Ha pois que passar uma busca retrospectiva nos Principes ou Infantes de Portugal, que chegaram pelo menos á adolescencia, anteriormente aos principios da segunda metade do seculo 14°, isto è anteriormente ao proprio anno de 1359 designado pelo Sr Gayangos, e admittirmos que o primeiro que encontremos tem todas as probabilidades a favor de ser o a que se refere o autor da novella. Ora recorrendo ás listas dos filhos dos reis portuguezes, mui escrupulosamente feitas pelo Padre Joâo Baptista de Castro, e que, em duas edições do seculo passado, se acham

publicadas no seu curioso *Mappa de Portugal*, nâo encontramos outro infante Dom Alfonso, no caso de podêr ser aceito, senâo o que ao depois foi rei D. Affonso 4º, pelo fallecimento de seu pai (D. Diniz) em 7 de Janeiro de 1325. — E' sabido como os principes herdeiros eram entâo denominados infantes, como os outros mais moços, irmâos legitimos, e por isso infante chama ao mesmo D. Affonso o dito Padre Joâo Baptista de Castro na sua lista. Esse infante D. Affonso havia nascido em 8 de Fevereiro de 1291, e dando-lhe a idade de uns vinte annos, quando exigia do autor (sem dúvida já na idade dara zâo, pois que o mesmo autor julgou dever attendel-o) a mudança de que acima se trata, podemos assignar a data aproximada do *primeiro*

livro do Amadiz ao anno de 1310 proximamente. E referimo-nos só ao primeiro livro, porque cremos que ahi acabaria a primeira novella. Parece natural que o Infante fizesse a observaçâo, quando julgava que ali se havia concluido a mesma novella, ainda commovido pela impressâo que a sua leitura lhe deixára; e a qual certamente muito se houvera desvanecido, se tivesse continuado a ler o segundo e terceiro livro, se ja existissem escriptos. Ora examinando bem o mesmo primeiro livro e os seguintes, com esta prevençâo, tudo contribue a confirmal-a. O enredo de uma primeira novella desfeixa-se completo com o fim desse *primeiro livro*. Toda a acçâo tem-se passado nas tres côrtes da ilha bretôa; a saber: da Escocia, onde reinava Lan-

guines; da Bretanha-grande, onde reinava Lisuarte, pai da princeza Oriana; e do paiz de Gaula, alias Galles (como se deprehende do texto), onde reinava Perion, pai de Amadiz. Este heroe vinha dest' arte a ser o verdadeiro *Principe de Galles.*

Da Bretanha-grande citam-se até na novella, por seus proprios nomes, o rio Tamisa, a cidade de Londres, o porto de Bristoya (Bristol) e a côrte de Vindilisora (Windsor). Oriana era nada menos do que a herdeira do throno da Bretanha-grande, de modo que, desposando-a Amadiz, os dois estados, de Gaula (Galles) e da mesma Bretanha-grande, se reuniriam formando a Inglaterra.

Ainda sem idade de poder pensar em grandes planos politicos, e sem outra

ambição mais que a de ser bom cavalleiro, o mesmo Amadiz (antes de saber que tinha este nome e de que era filho de rei), enamora-se da linda Oriana, que vê pela 1ª vez na Escocia, e lhe promette ser *seu cavalleiro*. Ella corresponde; e o seu fino amor estimula Amadiz a grandes proezas, vencendo pelas armas e sujeitando muitos senhores injustos e prepotentes, incluindo neste número o arrogante Abyseos e os dois filhos, que, da outra banda, haviam usurpado o throno e senhorio de Sobradisa á bella Briolanja, e o monstro Archilaus, que já, por uma serie de traições, havia conseguido apoderar-se de Oriana e do rei seu pai, e quasi assenhorear-se de Londres.

Qualquer leitor que tiver seguido com attenção o enredo do primeiro

livro, antevê que a novella nâo pode deixar de vir a parar senâo no casamento de Amadiz com Oriana, casamento favoravel até á reuniâo dos dois estados, depois da morte dos reis reinantes. — Ora para mais se requintar a lealdade e fidelidade de Amadiz, estando elle a curar-se das feridas no palacio de Briolanja (que era lindissima) desdenha duramente a proposta de casamento que de parte desta princeza lhe é feita.

Foi seguramente, referindo-se a este desfeixo da que chamaremos *primeira novella* do novo cyclo, que o dito Infante D. Affonso indicou uma modificaçâo, desejando que o autor deixasse a Briolanja tâo consolada quanto possivel; o que por ventura o levaria a fazel-a casar com o abnegado Galaor,

irmão d' Amadiz, que não tinha nenhuns comprometimentos, e que, de caracter facil de enamorar-se, como se tem mostrado sempre antes, não poria a isso obstaculo algum *).

O interesse e enredo dramatico rematava perfeitamente no fim dessa *primeira* novella, engeitando Amadiz a mão de Briolanja, para ser fiel á sua Oriana, com quem até já se casára (aqui entre nós) mui sériamente, a face do ceo e da terra; e estava obrigado, como bom christão, a pedir a benção

*) Galaor, vem effectivamente, na propria novella refundida, a casar com Briolanja; mas sem dúvida o continuador suprimiu esse casamento no primeiro livro, reservando o para depois, afim de ligar melhor a parte acrescentada; procurando *consolar* a Briolanja com um recurso grosseirissimo, com que a deixou cruelmente maltratada.

da Igreja. E nâo cremos muito enganarmos ao suspeitar que o autor pretendeu dar ahi, por entâo, a sua composiçâo por acabada, quando a terminava, para edificçâo e consolo dos leitores, com o seguinte *fim de sermâo*, que deve-se fazer de conta que foi escripto em portuguez:

»Cuando la fermosa reina Briolanja vió en su casa tales cuatro caballeros, habiendo tanto tiempo estado desheredada, é com tanto miedo encerrada en un solo castillo, donde casi por piedad la tenian, é que agora cobrado en su honra en su reino, con tan gran vuelta de la rueda de la fortuna, y que no solamente para la defender tenia aparejo, mas aun para conquistar los ajenos, fincó los hinojos en tierra despues de haber con mucho amor aquellos dos hermanos rescebido, dando grandes gracias al muy poderoso Señor, que tal forma é con tan gran piedad della se acordára, é dijo á los caballeros: »Creed cierto, Señores,

estas tales vueltas é mudanzas e maravillas son del muy alto señor, que á nos cuando las vemos muy grandes parecen; é ante el su gran poder en tanto como nada con razon deben ser tenidas. — Pues veamos agora estos grandes señorios, estas riquezas que tantas congojas, cuitas, dolores é angustias nos atraen por las ganar, é ganadas, por las sostener, seria mejor, como supérfluas é crueles atormentadoras de los cuerpos, é mas de las ánimas, dejar é aborrecerlas, viendo no ser ciertas ni durables. Por cierto digo que no; antes afirmo que seyendo con buena conciencia ganadas é adqueridas, é faciendo templadamente dellas satisfacion á aquel señor que las da, reteniendo en nos tanta parte, no para que la voluntad, mas para que la razon satisfecha sea, podamos en este mundo alcanzar descanso, placer é alegria, y en el otro perpétuo, perpétuamente en la glória gozar del fruto dellas.«

Porém prosigamos. Uma vez provado, assim pelo proprio texto castelhano, como pelos argumentos dos Srs

Castelhanos, que as observações acerca da sorte de Briolanja foram feitas ao autor pelo, ao depois rei, D. Affonso 4º, chegâmos ao conhecimento de que so esse principe pode ter sido o verdadeiro autor de um soneto que alguns lhe tem ja attribuido, mas que outros, imaginando sem dúvida a novella mais moderna, attribuiram ao Infante D. Pedro, o das Sete Partidas; e que o filho do poeta Antonio Ferreira, encontrando-os escriptos por lettra de seu pai, entre os papeis que deixára, tomou por composições do mesmo seu pai, e como taes os publicou, a fol. 24, na edição posthuma dos »Poemas Lusitanos« em 1598, o que se tem repetido nas seguintes.

Que o infante D. Pedro não pode ter sido o autor do soneto, pedindo as

modificações com respeito a Briolanja, como suppozeram Faria e Souza na *Fonte de Aganipe* e o antigo possuidor do codice manuscripto do Museo Britanico, de que adiante trataremos, é mais que evidente; por quanto não se lhe attribuindo tambem a resposta do autor, claro está que este devia ser seu contemporaneo, o que não é possivel, quando está provado que os tres primeiros livros do Amadiz ja existiam em 1359, e o dito infante D. Pedro só nasceu em 1382.

Quanto á supposição de haverem sido os mesmos sonetos obra de Ferreira, parece-nos que só a cegueira do amor de filho podéra desculpal-a. No tempo de Ferreira não se tinham feito estudos da poesia antiga, que o habilitassem a emprehender taes composi-

ções, e tanto assim que elle nem se quer as entendeu bem, ao copial-as; pois só assim se explica o haverem sido menos correctamente dadas á luz. Demais: para compor o soneto do infante D. Affonso tinha elle a idéa no proprio texto do Amadiz; mas a resposta de Lobeira que oraculo lh'a inspirou? — Assim o apparecimento desses dois sonetos escriptos pela lettra do autor dos »Poemas Lusitanos« não serve mais que a provar que o mesmo autor (encontrando-os talvez annexos no codice manuscripto portuguez do Amadiz) tirára de ambos cópia, sem indicar no primeiro delles nenhum autor. Outro curioso houve que, igualmente no seculo XVI, tirou, com pequenas variantes, tambem copia delles; e considerando desde logo como autor

do primeiro o infante D. Pedro, juntou ambos aos conhecidos versos do *Rouso da Caba* e a outros papeis, e formou um codice, do qual no seculo passado foi possuidor um Fernâo Duarte Montearroyo, e hoje se guarda no Museo Britanico, sendo o num. 20.922 dos manuscriptos chamados *Addicionaes* *). Assim, ainda quando dos escriptos do mesmo Ferreira possuissemos os autographos, ou uma cópia digna de toda fé, como succede a respeito dos de Sá e Miranda **), nâo poderia tirar-se dahi

*) Veja a nossa *Succinta indicaçâo* de alguns desses Mss., imp. na Havana em 1863, p. 9 e 10.

**) Referimo-nos ao valioso codice, de que em outra occasiâo trataremos, *com data de* 1564, intitulado »*Obras de Francisco de Sá de Miranda dirigidas ao Principe N. S. que lh' as mandou pedir*,« que ainda nâo conheciamos quando escrevemos acerca deste poeta dois artigos no Panorama de 1841.

argumento para o proclamar autor de taes sonetos, que se prova serem de outros. E como se referem justamente ao incidente de que acima se trata, foi autor do primeiro o infante D. Affonso, depois rei, e do segundo o proprio Vasco de Lobeira, que desta fórma resulta ser o verdadeiro autor da novella Amadiz. Eis, com alguns pequenos retoques, que tomamos a liberdade de fazer-lhe, o

SONETO DO INFANTE D. ALFONSO.

Bom Vasco de Lobeira, de gran sen,
De pran que vós havedes bem contado
O feito d' Amadys, o namorado,
Sem quedar ende por contar hy ren.

Pór en tanto nos prougue, e er tan ben
Que vós seredes sempr' ende loado,
E antre os homens bons por bom mentado,
Que vos lerôn ao diante e ora lêm:

Mas porque vós fizestes a fermosa
Br'olanja amar endoada hù no amáron
Esto cambade, e cumpra sa vontade;

Por quê ei a gran dôr de a ver queixosa,
Per sa gran fermosura e sa bondade,
E porqu' en fin' amor non lhe pagaron.

A este soneto respondeu Vasco de Lobeira com outro, cujo último terceto julgamos ter sido publicado menos correctamente; pois nenhum sentido delle se colhe tal como se acha. O grande habito em que estamos de ler as poesias desse tempo, e de haver muitas vezes acertado por inspiração a decifrar manuscriptos errados, nos anima a propôr que o mesmo soneto se leia e se entenda do modo seguinte:

RESPOSTA
DE DOM VASÇO DE LOBEYRA.

Vinha Amor pelo campo trebelhando,
Com sa fremosa madre e sas donzellas,

E rindo, e cheio de ledice entre ellas,
Já do arco e das setas non curando.

Br'olanja hi a sazon s' ia pensando,
Na gran coita qu' ella ha, e vendo aquellas
Setas d' amor, filha en sa mâo ũa dellas,
E mete â no arco, e vay-se andando.

Des hi volvendo o rosto hu Amor s' ia,
Er disse: ay traidor que m' ás falido!
Eu prenderei de ti crua vendita!

Largou a mâo: quedou Amor ferido;
E, catando a sa *séta*, endoado grita:
Ai! Mercê a Br'olanja!... que fugia...

Ora, D. Affonso 4º deixou de ser infante desde que foi aclamado rei, aos 7 de Janeiro de 1325; por conseguinte, anteriormente a esta data, já tinha vindo ao mundo o Amadiz primogenito.

Assim esses dois sonetos, restituidos pela critica a seus verdadeiros autores, vem a servir de contraprova de como

a modificaçâo feita no texto acerca de Briolanja e a referencia que ahi se faz ao infante portuguez já existiam no texto antigo, e nâo foram obra do refundidor Montalbo; até mesmo porque nâo se encontraria, no tempo em que se crê que este viveu, outro Infante D. Affonso de Portugal que podesse ter sido o autor das reflexôes acerca de Briolanja a que se refere o texto; porquanto dos dois unicos que se encontram com esse nome, D. Affonso V, tinha apenas seis annos, quando foi chamado rei, por morte de seu pai, em setembro de 1438: seguindo-se ainda, com o nome de Affonso, o mallogrado herdeiro de D. Joâo 2°, que falleceu *como Principe* aos 16 annos de idade, em 1491. Levára este o titulo de *Infante* somente até a idade de seis an-

nos; em quanto seu pai nâo subira ao trono em 1481.

Outro facto importante fica adequirido, de toda esta nossa demonstraçâo, para a litteratura portuguesa; e vem a ser, que a admissâo e uso dos sonetos, que a Italia deveu a Dante, fallecido em 1321, passára logo a Portugal, onde, ainda antes da sancçâo que lhes deu Petrarcha, se haviam adoptado. Nâo devendo isso admirar aos que saibam que as relaçôes entre o mesmo Portugal e a Italia, com a introducçâo das ordens religiosas, e com a ida de muitos estudantes a frequentar o direito na universidade de Bolonha, eram entâo mui frequentes.

Que Vasco de Lobeira vivêra antes de D. Joâo 1º o tinhamos como provado, desde que o chronista Gomes

Eanes de Azurára, que foi coevo deste rei, diz positivamente que o mesmo Lobeira *) era anterior, — do tempo de D. Fernando, tempo em que provavelmente falleceu; ficando assim prejudicado o dito não fundamentado de Barboza (que tantas outras vezes nos seus elogios empolados, querendo realçar os meritos, os diminue e comette erros), de que Vasco de Lobeira fôra feito cavalleiro na batalha de Aljubarrota **). Se nessa batalha se armou ca-

*) »*Livro* (no singular note-se) de Amadiz, como quer que somente, este *fosse feito a prazer* de um homem que se chamava Vasco de Lobeira, em tempo d' elrei D. Fernando«. Azurara Chr. do C. D. Pedro.

**) Conservo lembrança de haver ouvido ao meu mui venerado amigo D. Franc. de S. Luiz (Cardeal Patriarca Saraiva) que em uma lista, por elle vista, dos livros de D. João 1º se en-

valleiro um Vascó de Lobeira seria algum homonymo do nosso autor.

O facto de ter sido Vasco de Lobeira o autor do Amadiz, e o Infante D. Affonso, filho primogenito d' elrei Dom Diniz, quem lhe fez as observações acerca de Briolanja que dão assumpto ao mesmo soneto, é confirmado, já em 1598, pelo proprio filho do poeta Antonio Ferreira, ainda que na crença de que os sonetos haviam sido compostos por seu pai. — Quanto ao nome *Amadiz*, sôa-nos elle como da lingua portugueza mais que de nenhuma outra. Por mui natural temos que a sonsinha de Elisena o associasse, com esse nome, ao seu amado, o rei Perion, cujo fructo era; — fructo em verdade amadioso,

contrava o »*Amadiz de Gaula de Vasco de Lobeira.*«

em consequencia até do *amadigo* e muito amor com que esse primogenito de ambos foi criado.

Por outro lado em favor da origem portugueza milita o proprio assumpto e o proprio theatro em que exclusivamente se passa a novella. As relações dos Portuguezes com os moradores da ilha de Albion eram já em antigos tempos muito amigaveis e de sympathias; o que não succedia com Castella.

§. VI.

Progenie dos Amadizes. Refundição de Montalbo. Feliciano de Silva e outros continuadores.

Que o immediato acolhimento feito á primeira novella do *Amadiz de Gaula* deve ter sido mui grande se deduz não so do facto de haver-se com ella occupado o proprio herdeiro do trono, consagrando-lhe um soneto, como do de haver essa novella tido tão *immediata successão.*

Effectivamente: era apenas passado um quarto de seculo, quando (sabemol-o com toda a certeza) já existiam e se

liam em terras de Hespanha nada menos do que tres livros; isto é o primeiro, e mais dois entroncados nelle; bem que de tal entroncamento não necessitasse para ser, ja por si, uma novella completa. Mas os livros de cavallarias vieram a mostrar praticamente como nada ha mais facil do que obrigar uma novella a engendrar outra e outras, com muita relação com a originaria. Basta para isso ter a certeza de que os personagens que figuraram na primeira ficaram, ao acabar ella, ainda vivendo neste mundo. E nem isso: sendo necessario fazem-se reviver, dizendo-se que não tinham morrido; mas soffrido apenas de uma syncope.

Deixaremos a outros o decidir se esses dois livros immediatos poderão haver sido escriptos pelo autor do pri-

meiro. Da simples leitura, que delles fizemos, apenas chegámos a reparar em que o segundo livro se estrêe com certo encabeçamento, a modo de prologo, e como se fosse nova penna que começasse a escrever. Tambem advertimos que ja nesse livro segundo o theatro em que se passa a acçâo se dilata muito, saindo da Ilha Bretôa. — Por outro lado apparecem por primeira vez a *Ilha Firme* (que depois sae peninsula) um rei Apolidonio, filho de outro de Grecia, casado com uma irmâ do imperador de Constantinopla; a bella inglesa Oriana acha-se n'um castello chamado *Miraflores*, e, por fim, veem-se, igualmente por primeira vez, versos na novella. No terceiro livro nem fallemos. Tudo é differente:

e Amadiz não só passa á Allemanha, mas chega até a Constantinopla, etc.

O que antes succedêra com as novellas da Tavola Redonda, e o que succedeu mais tarde nas deste cyclo, permitte suppor que, publicada a primeira novella, um novo autor emprehenderia a segunda, e outro a terceira. Assim poderia explicar-se a asserção de Lope de Vega de que do Amadiz se dizia haver sido escripto por uma dama, e a de outros que o conceituavam como obra de um Duque de Bragança. Longe de nós a idéa de pretender tirar a Lobeira o que lhe pertença. Se porém com afinco sustentâmos que é seu, e de nenhum outro, o primeiro livro, damos até prova de nossa imparcialidade não nos mettendo

a juizes em causa ainda para nós não bem esclarecida. Desejáramos primeiro ouvir de outros se encontram no segundo e terceiro livro a mesma fôrça inventiva e a nobre simplicidade e naturalidade que se admiram no primeiro.

Aos tres livros primeiros de *Amadiz* se juntou depois um quarto, por alguns attribuido ao proprio Garci-Ordoñez de Montalbo, que modernisou e alambicou, a seu modo e com bem máu gôsto, a veneravel linguagem antiga, em que estavam os tres primeiros. Desses quatro livros em castelhano se fizeram, umas apoz outras, várias edições, da existencia de algumas das quaes nem se quer teremos notícia, restando de outras apenas um exemplar, para desengano dos incrédulos, que não se resolvem a conceder que,

além dos queimados pelas inquisições, muitos outros exemplares se haverão consummido, sujando-se e esfarelando-se, em virtude da muita leitura, correndo de mão em mão; não havendo sequer, pelo seu assumpto, tido entrada nas bibliothecas dos conventos, onde tantas outras preciosidades se salvaram, sendo pouco lidas. Temos uma especie de convicção profunda de que não se fariam traduzir do francez, para dar ao prélo, tantas outras novellas de cavallarias, sem que primeiro se tivesse feito imprimir uma que, desde o meado do seculo 14°; era já em toda a Hespanha tão conhecida e tão lida, como vimos. Assim pensamos que dos primeiros quatro livros do *Amadiz* se haverão feito em Hespanha edições não só no principio do seculo, como até

no fim do anterior; e acreditamos que não seriam invenções as referencias *antigas* a uma edição de 1510 e a outra de 1496, até em vista da autoridade de Cervantes quando disse: »Segun he oido decir, este libro (de Amadis) fué el primero de caballerias *que se imprimió en España*, y todos los demas han tomado principio y origen deste.«

Aos mencionados quatro livros se aggregou depois o *quinto*, de *Esplandian*, que mereceu a pena de fogo, por sentença do seu compatriota Cervantes. Não tardou a aparecer, formando um *sexto* livro, o *Florisando*, sobrinho do mesmo heroe, e como elle digno de ser queimado. Seguiram-se logo, quasi a um tempo (1525—1526) duas continuações do *Florisando*, uma

das quaes, do autor do precedente livro e dos seguintes, Fernando de Silva, foi considerada como livro *setimo*, e outra escripta pelo bacharel Juan Diaz, como *oitavo*. Proseguiu o mesmo Feliciano de Silva até 1551, com mais tres livros, celebrando no primeiro a *Amadiz de Grecia*, e nos outros a *Florisel de Niquéa* e sua geraçâo, todos condemnados ao fogo pelo imparcial Cervantes. Do Florisel fez-se em Lisboa, pelo menos, uma ediçâo, em 1566.

Appareceu finalmente mais um 12° livro, com o *Silves da Selva* *), escripto por Pedro de Luxan, autor a quem pertence, segundo um crítico illustrado, pelo menos uma das partes do *Lepolemo* ou *Cavalleiro da Cruz*, condem-

*) Nâo andaria, na adopçâo deste nome, alguma allusâo ao inexgotavel F. de Silva?

nado tambem á fogueira por Cervantes; por se realisar, a seu respeito, o rifão »detraz da Cruz o diabo«.

O habito em que já se haviam posto os Portuguezes de ler em castelhano e o pouco numeroso público com que ahi podiam contar os editores para o consummo das edições que emprehendessem, motivou que, não só, que o saibamos, nenhum dos novos livros fosse trasladado ao portuguez, mas até que nem se quer houvesse quem se arriscasse a imprimir o texto de Lobeira, que ainda então existia; posto que muito depois foi visto na bibliotheca dos duques de Aveiro; e parece ter-se unicamente perdido, por occasião do terremoto de Lisboa de 1755, ou pela do sequestro que pouco depois soffreu a casa. — Por outro lado, a

extracçâo e venda segura que na Hespanha tinham as ediçôes, que umas ás outras se iam succedendo, extracçâo e venda a que por sua parte concorriam os leitores portuguezes, contribuiu a que a linhagem dos Amadizes fosse tâo longe. E o famoso Feliciano de Silva já de tal modo havia considerado a empreza como uma especie de mamadeira, que se incommodou com o mencionado Juan Diaz, quando se lhe atrevessou com o seu livro, matando nelle a Amadiz, cuja vida ao Silva interessava conservar (e por isso o resuscitou), por mais annos do que Deus concedêra a Mathusalem, afim de seguir perpetuamente naquella »*inacabable* aventura«, como diz Cervantes.

§. VII.

Traducções dos Amadizes e outras. Em francez. Em italiano. Em allemâo. Em inglez e hollandez.

Graças principalmente ao bom sabor que deixára a leitura do primeiro livro de Amadiz, o consummo de todos os de sua linhagem foi considerado tâo seguro, que nâo hesitaram editores estrangeiros de emprehender a publicaçâo delles, nâo só em francez e italiano, como ao depois em allemâo, inglez e hollandez. Em francez sairam á luz de 1540 a

6*

1556 em quatro volumes in folio doze livros comprehendendo as seis primeiras partes do texto castelhano, arranjando o traductor a seu modo a 7ª e 8ª, e proseguindo com as outras ate á 11ª, que constitue o 12º livro francez. — A diante diremos como proseguiu essa collecçâo.

A italiana saiu pouco depois (1546), tomada da franceza. Porém mais tarde (1558—1568) foram acrescentados em nova ediçâo a esse mesmo texto o do Silves da Selva, quasi todo, dados em 17 volumes, mais seis (18 a 23) comprehendendo seis partes, nas quaes se trata do cavalleiro *Sferamundi de Grecia,* já introduzido na novella Silves da Selva; de que o primeiro desses seis tomos era ainda parte, sendo porém

de origem nâo bem averiguada os ultimos cinco *).

Esta collecçâo recebeu ao depois (1586—1587) mais dois volumes (24° e 25°), com a traducçâo do *Belianiz* **), que em castelhano composera o licenciado Jeronymo Fernandez.

A mencionada traducçâo franceza se reproduziu no anno de 1577 e seguintes, em doze volumes em 16°, acrescentando-se mais tres (13° e 14° e 15°) com o *Silves da Selva* etc., e ao depois (1578—1582) mais seis (16° a 21°) com todo o *Sferamundi*. — Trinta e tantos

*) Consulte-se a nota a esta pagina que vae no fim.

**) O *Lepolemo* estava traduzido e publicado desde 1544; o *Florambel* desde 1560, e o *Polisman* desde 1573. Depois (1610) foram publicados em 3 vol. o *Febo* e *Rosicler*.

annos depois, em 1615, foram publicados mais tres volumes (22°, 23° e 24°), contendo as façanhas de Fulgoran, Safiraman e Hercules d'Astré. — No penultimo destes volumes passam-se algumas scenas na America, especie nova em livros de cavallarias.

Poucos annos depois (1620) appareceram tambem em francez o *Cavalheiro do Febo e o seu irmão Rosicler*, e logo (1625) o *Belianiz*.

Em allemão viram os Amadizes a luz em Francfort s/M., traduzidos do francez, com o titulo errado de **Amadis aus Frankreich** (tomando-se por *Gaules* o *Gaule*, que, como vimos *) significava *Galles*), em 24 volumes, desde 1569 a 1595.

*) Vide ante p. 55.

Em hollandez foram publicados em 21 tomos de 1619 a 1624; e em inglez só os primeiros tomos sairam, por primeira vez, á luz no mesmo anno de 1619.

§. VIII.

Continúa o 3° cyclo. Novas familias. Clarians. Palmeirins: d' Oliva: d' Inglaterra. Odorico Mendes. Os Martyres de Filinto. Successores do Palmeirim d' Inglaterra.

Foi, a nosso ver, a voga alcançada pela familia Amadiz o principal incentivo a que deveram a existencia, na Peninsula, varias outras familias, mais ou menos prolificas.

Deixaremos tranquillas as familias do *Febo* e de *Florambel;* e depois de dizer apenas duas palavras acerca da de *Clarian,* passaremos a tratar da linhagem dos *Palmeirins,* levantada e nobilitada

pelos feitos, epicamente narrados, do appellidado *d' Inglaterra.*

A primeira novella de *Clarian* *) escripta por Gabriel Velazquez del Castillo, visinho de Guadalajára, e impressa pela primeira vez em Toledo em 1518 **), deu de si tres descendentes, do primeiro dos quaes, denominado *Floramante,* coube a paternidade a Jeronymo Lopes, portuguez do tempo de D. Joâo 3º.

O tronco dos Palmeirins, que se chamou *d' Oliva,* foi mui bem recebido do público; a tal ponto que, só no seculo 16º, teve nove ediçôes em cas-

*) *De Landanis*, »filho de Lautedon de Suecia«, mui differente do *Clariâo*, rei turco no Carlos Magno.

**) Acabada de imprimir a 15 de novembro. Nâo a 5, como se lê em Gayangos, Brunnet e Graesse. Consta de VI—228 folios; lettra gothica.

telhano, quatro em italiano e outras quatro em francez; mas o Cervantes, apezar de compatriota do autor, fez-lhe, sem misericordia, o catatau, ordenando que fosse, como lenha de zambujo, rachado e lançado á fogueira; com recommendaçâo de que nem sequer ficassem delle as cinzas; isto, da mesma pennada que sentenceou que a *portugueza* »Palma (Palmeirim) d'Inglaterra« »se guardasse e conservasse como coisa unica«, fazendo-se-lhe uma caixa, semelhante á em que Alexandre o Grande mandou guardar as obras de Homero.

O *Primaleâo*, primogenito do condemnado *Oliva*, teve no público menos aceitaçâo que o pae; mas grande glória veiu a caber-lhe, pelo facto de haver-se decidido a seguir a sua narraçâo

o autor do *Palmeirim d' Inglaterra;* apresentando ao mundo este novo heroe como filho de Duardos (1°) e de Flerida, irmâ do mesmo Primaleâo. A este parentesco, sem dúvida, deveu o *Primaleâo* o haver tido duas edições (em castelhano) em Lisboa, em 1566 e 1598.

Assim, apenas consideraremos como *legitimos* desta familia os mencionados antecessores do *Palmeirim d' Inglaterra* e os seus dois successores portuguezes; pelo que nada temos que ver com *Polindo*, nem com *Platir*, nem com *Flortir*, cujas narrações e genealogias contradizem as que se admittem no *Palmeirim d' Inglaterra.* Desta última novella diremos, entretanto, que, apezar de nâo haver hoje notícia da existencia de exemplares em castelhano, cremos que foi nesta lingua original-

mente escripta, em vista da propria declaraçâo que encontramos no fim do primeiro livro do texto italiano, e que diz assim: »Ma perche non si fecero poi altre imprese memorevole, l'autore, *che si havea tolto a scrivere le valerosi imprese della progenie di Palmerino*, vedendo che non poteva più durar, s'é contentato di lasciare lo Imperatore Flortir in una tranquilla pace, e far fin a questa sua vaga, e dilettevol historia, laudando la divina bontá, che gli ha dato forza di scriverla sino al fine*).« A' vista desta declaraçâo, somos levados a crer que o autor do *Flortir* seria o proprio do

*) Fol. 463 da ed. de 1608, de Lucio Spineda, de que possuimos um exemplar mui manuseado, e gastado nas pontas inferiores das folhas.

Platir, do qual não ha dúvida ser castelhano o original.

Occupemo-nos porém do *Palmeirim d' Inglaterra*. Por fortuna não se extraviou o seu texto portuguez como succedeu ao do *Amadiz*; e é elle considerado, apezar de nem sempre aprimorado, como um dos melhores modelos de estylo »fluido e nervoso e de dicção pura e variada.«

Por mais de dois seculos e meio, e por autoridades de pezo como Magalhães Gandavo, Faria e Souza, Brito de Lemos e outros, foi considerada esta novella como obra original de Francisco de Moraes, e como portugueza a elogia o engenhoso Cervantes, no mesmo capitulo em que absolve, pelos seus meritos, tambem como original portugueza (como effectivamente provámos

que è), o *Amadiz de Gaula.* Porém o apparerimento de uma edição castelhana feita em 1547 — 1548, isto è antes das que se conhecem em portuguez, fez crer, em 1826, a Salvá, e depois delle a outros criticos, ser a obra escripta originalmente por um Luis Hurtado, que em uns versos, formando acrostico, que acompanham essa edição, se chama a si proprio *autor.* Vendo essa edição, ao visitar a bibliotheca da cathedral de Toledo em 1846, chegámos a adoptar essa opinião, e assim o declarámos em uma nota da »Historia Geral do Brazil«. Posteriormente porém tivemos occasião de ver varios livros em que os *traductores* e ás vezes os simples *editores* se denominam a si proprios *autores,* o que nos fez considerar de menor peso o

argumento tirado dessa declaraçâo; e com maior razâo, quando, estudando melhor os proprios versos do acrostico, vimos que confessa Hurtado nelles que o livro era de outro; pois diz que »*havendo-o lido*, e vendo ser elle espelho de feitos famosos . . poséra mâos á obra etc.«*). A' vista do quê, injusto nos pareceu querer á força dar de presente o Hurtado o que elle proprio declarou alheio. De mais: ainda quando se provasse nâo ter havido uma ediçâo portugueza antericor á castelhana de 1547—1548, nâo deveria concluir-se

*) *Leendo esta obra*, discreto lector,
Vi ser espejo de hechos famosos;
Y viendo aprovecha á los amorosos,
Me puso la mano en esta lavor:

Hallé que es muy digno de todo loor
En *libro tan alto*, en todo facundo etc.

senão que a obrá se *havia impresso* primeiro em castelhano, como já succedêra ao Amadiz. Mas não é seguro que não tivesse havido uma edição portugueza anterior á castelhana de 1547 — 1548. O não se conhecer hoje em dia a existencia de nenhum exemplar de tal edição não pode ser allegado como prova de que ella não existisse. Outras edições se fizeram, inclusivamente de livros de cavallarias, tanto em portuguez como em castelhano, de que não ha conhecimento da existentcia na actualidade de um unico exemplar. Da propria edição de Evora de 1567 são hoje contados os exemplares que restam; e além desta, sabemos ter havido, pelo menos, outra edição antiga em portuguez de typo entre redondo e gothico, sem designação de anno, nem

de logar; da qual, em 1786, existia um exemplar na livraria de S. Francisco em Lisboa. Não seria pois esta a edição portugueza princeps, anterior á castelhana de 1547—1548? Tudo isto nos induzia, com a mesma boa fé e imparcialidade de que haviamos dado prova, á abjurar da opinião que haviamos abraçado, crendo-a verdadeira.

Temos porém hoje argumentos mais fortes e concludentes em favor da nacionalidade portugueza do *Palmeirim d'Inglaterra.* São os tirados do proprio texto, como vimos succedeu a respeito do Amadiz. Ao meu defuncto amigo, o illustre maranhense Odorico Mendes, coube a glória de ser e primeiro a apresentar esses argumentos, valendo-se das notas que, a pedido seu, lhe pro-

porcionei, conforme elle proprio declarou a paginas 8 do seu »*Opusculo acerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor*«, impresso em 1860, com as seguintes palavras:

»O que muito cumpre louvar, sendo muito para agradecer, é que o senhor Varnhagen, por amor da verdade, me ajudou no empenho que tomei. Não possuindo eu a traducção de Hurtado, que nem se encontra nas melhores bibliothecas de Paris, elle proprio, em Março de 1858, na do Museu Britanico (onde levemente annotaram á margem do livro que Hurtado é o escriptor original) indagou-me os pontos necessarios: por trabalho e exame seu, viemos a conhecer que o hespanhol não omittira os capitulos das justas em honra das quatro francezas; o que dá-

nos a certeza de que o episodio nâo foi um enxerto do supposto traductor, sim um dos ornatos do poema primitivo. N'este facto assenta uma das provas cabaes em favor do Ariosto portuguez. Hoje o historiador brazileiro, á vista de taes raciocinios e documentos, está longe do parecer de Salvá; com gosto se convenceu de que tâo imaginosa e admiravel poesia pertence originariamente á lingua e litteratura dos nossos maiores.«

Basêa-se toda a argumentaçâo do meu defuncto amigo Odorico em factos biographicos conhecidos de Francisco de Moraes, que elle commemorou no texto da novella, e que foram reproduzidos pelo traductor castelhano, seguramente sem nenhuma idéa desse especial alcance biographico que ti-

nham; da mesma maneira que, segundo Llorente, passou a Le Sage a respeito de muitos nomes do Gil Blas, e que hoje se descobrem como verdadeiros anagrammas, em satyras originalmente castelhanas aproveitadas pelo mesmo Le Sage. Sabe-se inclusivamente por outros escriptos deixados pelo dito Moraes, que, havendo elle acompanhado, em 1540, a França o embaixador portuguez D. Francisco de Noronha, ao depois Conde de Linhares, ahi se enamorára de uma dama franceza de appellido Torsi. Ora desses amores quiz elle deixar memória na sua novella, sem dúvida composta na propria França; e assim o praticou desde o cap. 137° ao 143°, onde se descrevem certas justas, que diz realisadas nas immediações de Dijon, alheias ao verdadeiro enredo

da mesma novella. Além disso o illustre litterato maranhense transcreve varios trechos, pelos quaes se vê que o autor do Palmeirim, com o seu patriotismo natural, exalta sempre que pode mais a Portugal, em detrimento de Castella; de modo que máu castelhano resultaria Hurtado, se o podessemos julgar autor da novella.

Ha mais: nota-se no estylo das outras composições de Moraes o mesmo vigor que se encontra no da novella; o que não se pode dizer acerca de Luis Hurtado, nome quasi obscuro na litteratura castelhana, embora appareçam delle algumas outras composições, mais ou menos desenxabidas. — Leia-se do mesmo Francisco de Moraes o papel, que anda annexo á novella, com o titulo de »Desculpa de uns amores que

tinha em Paris com uma dama franceza da Rainha Dona Leonor por nome Torsi, sendo portuguez, *pela qual fez a historia das damas francezas no seu Palmeirim*«, e se notará nelle o mesmissimo estylo da novella toda. Outras provas não menos concludentes se tiram da comparação dos dois textos, resultando aparecer evidentemente o castelhano como traducção. Deste modo, para nós, não subsiste hoje o menor escrupulo em considerar portuguez e original de Francisco de Moraes o *Palmeirim de Inglaterra;* embora alguns Snrs Castelhanos *) resistam a desprender-se dessa glória, que já imaginavam adquirida para as suas lettras.

*) «E' de lastimar que Hespanhoes, cuja littrratura, abundantissima e toda patriotica, enecera immensas bellezas e rasgos tão sublimes,

Odorico Mendes, com quem, pouco antes de escrever o mencionado opusculo, convivi muito em Paris (encontrando-nos quasi todas as noites em casa do nosso commum amigo Joaquim Caetano da Silva, na *Rue St. Dominique*) era grande enthusiasta do *Palmeirim*, que sustentava ser, como o *Telemaco,* um verdadeiro poema, em muitos pontos superior ao do *Orlando* e ao dos *Martyres* de Chateaubriand, que elle considerava como a primeira epopéa deste seculo, e com cuja leitura se deleitava, na traducção em verso de Filinto. Ainda então não tinha conheci-

cuja poesia dramatica ministrou masculas idéas a Francezes da primeira plana; é de lastimar, digo, tenham a mania de mendigar obras estrangeiras para se ornarem, sem a menor precisão de alheios atavios.« (*Odorico Mendes.*)

mento das outras duas traducções posteriores *), igualmente em verso, uma em italiano e outra em castelhano, que não ha muito conseguimos adquirir; encantando-nos a traducção italiana, pela muita naturalidade e clareza, e pela metrificação bastante variada.

A edição princeps do *Palmeirim d'Inglaterra* bem poderia ter sido publicada em 1543 ou 1544; e por ventura poderão della encontrar-se vestigios no proprio *Florando d' Inglaterra* impresso em Lisboa, em castelhano, em 1545.

*) A traducção de Filinto foi publicada em Paris em 1816, offerecida ao Conde da Barca. Nesse mesmo anno se publicou em Lisboa a traducção em prosa do Bacharel P. Manuel Nunes da Fonceca. A traducção em verso italiana, feita pela Sra M. B. Gabardi foi impressa em 1836. A castelhana de Justo Barbajero só o foi em 1845.

Da traducçâo castelhana se valeu Jacques Vincent para a que publicou em francez em 1553, e foi depois reimpressa (1574); e se valeu tambem Mambrino Roseo (nâo Rosco) da Fabriano, para a que, naquelle anno e seguintes, foi publicada em Veneza, e mais tarde foi reimpressa pelo livreiro editor Lucio Spineda, que Odorico Mendes, seguindo a Nicolau Antonio, tomou por traductor. Em inglez se publicou a 1ª ediçâo em 1602, e desde entâo tem-se feito mais cinco ediçôes.

Ao *Palmeirim d' Inglaterra* succedeu o *Dom Duardos* 2º. A respeito da origem e nacionalidade deste nâo ha nenhumas dúvidas. Foi composto em portuguez por Diogo Fernandes, visinho de Lisboa, e nesta capital publi-

cado por primeira vez em 1587, e depois reimpresso em 1604.

Seguiu-se ao *Dom Duardos 2º* o *Dom Clarisel de Bertanha* (sic). Foi igualmente composto em portuguez por Balthasar Gonçalves Lobato, filho de Tavira, e publicado em Lisboa em duas edições em 1602; uma com o titulo de *Quinta e Sexta Parte de Dom Palmeirim e Dom Clarisel de Bertanha* e outra com o de *Chronica do famoso Principe D. Clarisel de Bertanha.*

Destas duas continuações do Palmeirim não nos consta que fosse publicada traducção alguma. Nem tão pouco se tornaram a imprimir, motivo porque se fizeram rarissimas, a ponto que, apezar de as havermos visto em outro tempo, nos foi impossivel haver agora

á mão um exemplar, para dar aqui dellas uma idea. Fazemos votos para que uma e outra, bem como a da Segunda Tavola Redonda de Jorge Ferreira de Vasconcellos, sejam brevemente reimpressas, a fim de serem conhecidos os monumentos litterarios da nossa lingua, surtindo com exemplares tantos centenares de bibliothecas ávidas de possuil-os.

E não se collija destes votos mui sinceros que desejamos se façam outra vez populares as leituras dos livros de cavallarias. Nem dessas leituras resultariam vantagens para o povo, que se pode dedicar com mais proveito a outras de maior utilidade, nem as nossas recommendações teriam fôrça para a este respeito desviar a torrente que caminha. Quanto á moralidade,

não cremos que se ostente maior em muitas das novellas dos nossos dias. Nas antigas o que se nota é que faltam ás vezes ao decóro, narrando candidamente scenas que ainda hoje se passam, bem que com mais disfarce e hypocrisia.

§. IX.

Quarto cyclo (Avulsas). Tirante o Branco. Livro de Bernardim Ribeiro. Sua analyse. Historia de Lamentor e Bimnarder. Sua originalidade. Irregularidades manifestas. Monologo da Menina e Moça, e Dialogo com outra dama. Paixâo amorosa do poeta. Nâo pode ter sido pela infanta D. Beatriz. Anagrammas decifrados. Que revelam. Rainha D. Joana. Victima das ambiçôes successivas do marido, do pai e do filho e seus validos. Crisfal. Clarimundo de Joâo de Barros.

Além dos tres cyclos mencionados, propomos a admissâo de mais um quarto e último, para comprehender todas as novellas avulsas de cavallarias, e cujos heroes obra-

ram seus feitos com toda a independencia dos dos tres primeiros cyclos, e não formaram linhagem, nem deixaram *herdeiros* que perpetuassem seus nomes e brazões.

Que não foi sempre ao merito da novella devido o vir ella a ser fecunda e a deixar geração temos prova no *Tirante o Branco,* inquestionavelmente de muito mais merito que o *Palmeirim de Oliva,* e mais antigo que elle. Foi o improlifico *Tirante,* cabeça do nosso novo cyclo, obra do malfadado valenciano Joannot Martorell *) que o offereceu ao Infante D. Fernando de Portugal em 2 de fevereiro de 1460. Esse infante não pode ter sido outro senão o duque de Vizeu, filho d'elrei D. Duarte,

*) As trez primeiras partes; a 4ª foi composta por Galba.

e pai do conhecido rei D. Manuel. De modo algum um filho do primeiro duque de Bragança, como se tem pretendido, pois em tal caso não seria infante.

Esta novella, »tesoro de contento y mina de pasatiempo«, no conceito de Cervantes, foi impressa por primeira vez em Valencia, no anno de 1490, na propria lingua valenciana, e não é impossivel que chegasse a ser traduzida ao portuguez. Apezar de mui festiva e ás vezes até descarada, parece ter sido escripta com o elevado pensamento de prégar uma nova cruzada em favor do imperio grego, que se desmoronava com a tomada de Constantinopla pelos Turcos, succedida pouco antes. Tal se nos afigurou ao menos ao concluir a sua leitura, effectuada (em consequen-

cia da raridade das edições em valenciano e castelhano), pela traducção italiana de Lelio Manfredi, que possuimos *), e que dá melhor idéa do original do que o resumo do Conde de Caylus, que tanto a hostilisa.

Ja transpiram nesta novella, não só o espirito emprehendedor das conquistas ao norte d' Africa, em que então se empenhava Portugal, mas tambem o dos descobrimentos mais além; figurando até nella certa invasão momen-

*) Edição de Lucio Spineda, de Veneza, 1611, em 3 volumes. A 1ª edição (italiana) publicada em 1538 e a 2ª em 1566 são hoje da maior raridade. Da traducção castelhana não se conhecia em toda a Hespanha mais que o exemplar da Bibliotheca do Porto, que por ordem do Governo foi emprestado ao ricaço Salamanca, e não havia sido restituido, passados alguns annos.

tanea na ilha Britanica de um rei das Canarias.

Não entrando em nosso proposito apresentar aqui uma analyse desta curiosa novella valenciana, passaremos a demorar-nos na portugueza de Bernardim Ribeiro, pois acerca della temos que submetter á discussão pública algumas idéas até agora não emittidas.

O livro denominado das *Saudades* consta verdadeiramente de tres partes; a saber: 1º Do monologo de uma donzella (*menina e moça*), seguido de um dialogo com certa dama, servindo como de prologo; 2º Da *Historia de Lamentor e Bimnarder*, novella de cavallarias, com alguns versos, contada pela mencionada dama; 3º De varias eglogas e poesias, alheias no fundo á novella,

embóra com tal qual relação, ao parecer, com os amores n'ella commemorados.

E' unicamente da segunda dessas partes que cumpre occuparmo-nos aqui. Começa ella (na rara divisão que deram ao livro), no cap. 5º da 1ª Parte, e conclue com o 58 em que finda a 2ª; exceptando só as duas interrupções da narradora, nos capitulos 25 e 41 desta última.

Para nós, esta novella de Bernardim Ribeiro é uma das de mais merito das de cavalleiros andantes. Em originalidade leva a palma a todas as outras suas coevas, cujos autores (incluindo os d'*Amadiz*) são simples imitadores das da Tavola Redonda e das de Carlos Magno; ao passo que Ribeiro fórma por si só uma nova escola. Não será

festiva, nem muito divertida a *Historia de Lamentor e Bimnarder;* porém com a sua mesma tristeza nos encanta. E' um verdadeiro typo do genero delicadamente sentimental; e por ventura a propria circumstancia de haver o seu autor posto a narraçâo em boca de uma dama, a manteve sempre isenta de alguns deslizes a que sâo avezadas outras. Em presença de tantos meritos, nâo sabemos como explicar que esta novella nunca fosse traduzida em outra lingua, nem se quer na castelhana; como se a boa estrella do autor o quizesse assim escudar, afim de que a nacionalidade da sua composiçâo nâo viesse a estar em letigio, como estiveram as suas duas compatriotas acerca de *Amadiz* e do *Palmeirim d'Inglaterra.*

Cumpre advertir que algumas pe-

quenas irregularidades se notam nesta novella, que se devem attribuir ou á desordem em que estava o manuscripto, ou a não haver o autor assistido á sua impressão; taes são por exemplo: o chamar-se, por anagramma, ao mesmo individuo, primeiro *Bimnarder* e depois *Narbindel;* e a outro primeiro *Fileno* e depois *Orphileno;* o considerar viva, na segunda parte, a Belisa, amada de Lamentor, que na primeira (cap. 8, 9 e 11) deixára morta, carpida e enterrada; o não explicar a apparição de Tasbião, no cap. 26 da 2ª parte, fazendo suppor que algumas folhas ou capitulos anteriores, talvez do fim do 1º livro, se haverão extraviado; e finalmente o não se dizer, acabada a novella, que fim levaram a narradora

e a donzella (menina e moça). Taes lunares, semelhantes a outros analogos, que se notam no Quixote, impresso em vida de seu autor, não podem fazer tirar á novella os seus grandes merecimentos.

Tambem se nota, no enredo da novella, que os episodios são muitos, e embaraçam o seu natural desenvolvimento; por não serem bastante ligados com a acção principal, em que alias se não encontram grandes peripecias; o que tudo provavelmente proveio de se haver o autor cingido, mais do que cumpria, ás reminiscencias de successos verdadeiros.

O dialogo entre as duas damas, que principia depois do monólogo da donzella (*menina e moça*), é tão repassado

de tristeza e mysterio *) que não cremos impossivel fosse escripto de intento para ser lido pela dama por quem o autor devia infallivelmente estar apaixonado. Querem alguns, allegando tradições não bem autenticadas, que essa dama haja sido a infanta D. Beatriz, filha d'elrei D. Manuel, e depois duqueza de Saboya. Não duvidamos que na vida deste poeta andassem envolvidos mysteriosos amores com alguma alta personagem da Côrte. Mas custa-nos a admittir que a dama fosse a que se aponta. D. Beatriz nascera em 1504. Ora no *Cancioneiro Geral*

*) „Ein so labyrintisches Fragment, wie dieses, giebt es weiter nicht in der romanischen Literatur.... Kein Alchymist hat auf die Weisen mehr Fleiß gewandt, als Ribeyro auf das Dunkel dieses Romans." Friedr. Bouterweck.

de Resende, impresso em 1516, e preparado naturalmente antes, encontramos os seguintes versos de Bernardim Ribeiro, que por certo se não referiam a uma menina de menos de doze annos, nem seriam de poeta mui moço:

»Venham estes desenganos
Do meu *longo* engano e vão,
Que já *o tempo e os annos*
Outros cuidados me dão«

. . . .

»Lembre-vos que *se passaram*
Muitos tempos, muitos dias;
Todos meus bens s' acabaram;
Comtudo, nunca mudaram
Querer-vos minhas porfias.

Em outros versos, impressos igualmente em 1516, no »*Cancioneiro Geral*« commemora o poeta certa partida da sua dama »para não tornar mais«

. . . . . »posso crer
Que pois qu' assi me leixaes
E' pera não tornar mais

. . . .

Mas tudo o qu' eu mais queria
Ja se foi para um logar
Donde não pode tornar.«

Não será referencia á mesma dama de que trata na novella? Em tal caso, não pode haver sido ella a infanta D. Beatriz, que só partiu de Lisboa para Saboya alguns annos depois.

Nota-se que os personagens da novella são evidentemente designados por meio de anagrammas, começando pelo de *Bimnarder*, que o proprio autor no cap. 14 da 1ª Parte, confessa que era o verdadeiro nome do cavalleiro da tenda, »com as lettras trocadas.«

Os outros nomes anagrammatisados são:

Aonia	por	Joana *)
Arima	»	Maria
Avalor	»	Alvaro
Belisa	»	Isabel
Boslia	»	Lisboa
Cruelsia	»	Lucrecia
Donanfer	»	Fernando
Enis	»	Ines
Fartesia	»	Tiséfara (?)
Godivo	»	Dioguo
Jenao	»	Joane
Lamberteu	»	Bartelmeu
Loribaina	»	Briolanja
Narbindel	»	Bernaldin
Olania	»	Anjola (?)
Romabisa	»	Ambrosia
Tasbiâo	»	Bastiâo
Zicelia	»	Cecilia (?).

A estes devemos, acrescentar *Lamentor* que alguns creem modificaçâo de *Lamendor*, julgado anagramma de *R. D. Manoel*.

*) *Antonia* decifrou certo escrevinhador!

Taes anagrammas fazem suspeitar que algumas das scenas descriptas serão reminiscencias de verdadeiros episodios occorridos no tempo do autor, que imitaria nisso o exemplo que tinha na novella (*biographica*) denominada *Question de Amor*, impressa desde 1513 *), exemplo seguido depois por Monte-mayor, e, em maior escala, por Cervantes.

Bem entendido: que não deve o leitor esperar que, decifrados os anagrammas, se encontre com paginas de historia; mas apenas, quando muito, com quadros descriptos pelas reminiscencias de alguns factos contemporaneos, sem guardar, se quer, nexo chro-

*) Em Valencia. Acerca de uma edição de Lisboa de 1540 veja-se no fim a nota a esta pagina.

nologico; mas ligados com certo enrêdo, disfarçando ás vezes a nua verdade, para ser á composição conservado o caracter de novella.

Seja como fôr: o certo é que, decifrados os anagrammas, apparece Bimnarder apaixonado de certa Joana, irmã de Isabel, mulher de *Lamentor*. Ora se admittirmos que este fosse elrei D. Manuel, resultariam os amores de Bernardim, não com a filha deste rei; mas sim com sua cunhada D. Joana *), a mai de Carlos V, mulher de Filippe o Bello, e filha (como a rainha D. Isabel sua irmã) dos reis Catholicos Isabel e Fernando. Em tal caso o mesmo *Filippe* corresponderia ao *Fileno*

*) *Joana* é tambem o nome da pastora da Egloga 2ª.

e *Orphileno* (marido de Aonia da novella) e o pai das duas irmâs Belisa e e Aonia, »um cavalleiro velho que parecia anojado em sua barba e vestido« nâo poderia ser senâo o rei D. Fernando o Catholico, ja viuvo.

Sendo assim, o livro de Bernardim, de tâo sentidos queixumes, associa-se de algum modo ás tristezas e desditas da »misera e mesquinha« herdeira de Isabel a Catholica, victima nâo so dos justos ciumes que lhe causava o infiel marido, como, ainda mais, da ambiçâo *) deste e da de seu valido D. Juan Manuel, da do pai (Fernando o Catholico) e até da de seu proprio filho (Carlos V), que fóra de todos os usos, cometteu o sacrilego attentado, contra o Supremo

*) V. o 2° App. §. XII.

Dispensador da vida e saude, tanto dos reis como dos plebêos, de appellidar-se rei, em vida da legitima Rainha, sua mai!

Se a essa Princeza se referem os amores, se o poeta, á maneira dos antigos trovadores, *a filhára* por senhora, em virtude de alguma mirada, um pouco mais aguda, por ella menos discretamente lançada, só tal poderia haver tido logar sendo ella mui joven, e antes de casar-se. Nascida em novembro de 1479, passou a Flandres, a reunir-se ao seu esposo, embarcando-se em Laredo em 22 de Agosto de 1496. E se bem que depois por duas vezes veiu a Castella, era muita a paixão que tinha pelo marido, para a podermos suppor, durante esse tempo, capaz da mais innocente *coqueteria*. Acompa-

nhára por ventura Bernardim Ribeiro a D. Alvaro, quando em 1496 passou a Castella a sondar a possibilidade de pedir o rei D. Manuel a mão da viuva (D. Isabel) nora de D. João 2º? A novella envolve episodios de um Alvaro (Avalor). — Falta examinar se a infeliz desterrada em Tordesilhas tinha os olhos verdes, tão celebrados pelo poeta.

Se esses amores foram reaes, ou se pelo menos o público chegou a acredital-os, bem poderia isso haver sido a causa do *despacho* do poeta para governar a fortaleza da Mina em Africa. Ainda neste seculo outro amador portuguez de outra Princeza castelhana, ao depois escriptor, purgou com o governo d' Angola o crime de outros pretendidos amores.

No *Cancioneiro Geral* (1516) diz o poeta

»N' *outro tempo* uma partida
Qu' eu *não quizera fazer*
Me maguou a minha vida
Quanto eu nella viver.«

Não alludiriam estes versos á viagem á Mina? Não o obrigaria o rei a essa viagem, para evitar que fosse inquietar a triste viuva no seu encerro?

Quanto á falta de ordem com que saiu impressa a mysteriosa novella de que nos occupamos, suppomol-a originada de não haver assistido o autor á sua impressão e publicação; podendo bem acreditar-se que a propria primeira edição sairia posthuma. Citam os bibliographos dois exemplares de uma edição de Ferrara, de 1554, que ha bastantes annos (um em 1822), em

catologos impressos, se offereceram de venda; e de seu proprio titulo podéra deprehender-se que não era essa a primeira; pois nelle se declara a obra »agora de novo estampada e com summa diligencia *emendada.*« Ora não sendo essa edição em gothico, cremos que houvera antes pelo menos outra nesses typos; pois só a tal edição podemos attribuir tantos parenthesis mal entendidos, que, em logar de virgulas (que em algumas fundições e nos typos em madeira se pareciam muito aos parenthesis), vemos semeados pelas paginas do livro, e que chegam a fazer, ás vezes, cançada a sua leitura.

A circumstancia de encontrar-se nessa edição, offerecida em venda como de 1554, o *Crisfal,* ou poesias acerca dos amores de Christovam Falcão, lembra

a posibilidade de haver ella sido feita por influencias deste último, que doze annos antes *) (em Outubro de 1542) estava de agente de Portugal em Roma. Reimprimiu-se em Evora, por André de Burgos, em 1557—58; e logo em 1559 deu Arnold Birckmann della e do *Crisfal* nova edição, que não pode ter sido feita senão em Colonia **), e tem bastantes faltas typographicas. Vimos felizmente estas duas edições, hoje rarissimas, por haver sido o livro comprehendido no Indice expurgatorio, e por conseguinte (como dissemos na

*) Consulte-se o nosso folheto *As Primeiras Negociações Diplomaticas respectivas ao Brazil*, publ. pelo Inst. do Rio, em 1843, pag. 138.

**) Para ser vendida em Portugal, pois diz: »Vende-se a presente obra em Lisboa em casa de Francisco de Grafeo, acabou se de imprimir a 20 de Março de 1559 annos.«

pag. 45) levados em Portugal todos os exemplares ás Inquisições.

Se o livro de Bernardim Ribeiro, de que acabamos de tratar, contêm, segundo todos os indicios, reminiscencias biographicas contemporaneas do seu autor, com outra composição, por esse mesmo tempo, se enriqueceu a litteratura portugueza, que foi dada á luz com certa pretenção a novella historica, como se deduz de seu proprio titulo: *Chronica do Emperador Clarimundo, »donde os reis de Portugal descendem.«* Entretanto não passa esta primeira composição, do ao depois famoso João de Barros, de ser uma verdadeira novella de cavallarias, que serviu de muito ao seu autor, que contava apenas vinte e tantos annos de idade quando a escreveu, para exercitar

a penna com que depois devia burilar as primeiras décadas da Asia. Era então corrente a opinião de que o Conde D. Henrique procedia da Hungria; pelo que julgou o autor dar maior interesse e realce á sua *chronica*, inculcando-a como de feitos dos avós do fundador da monarchia, e até como »tirada da linguagem hungara em a nossa portugueza.«

Declara o autor haver levado a trasladar (digamos a compôr), esta novella, unicamente oito mezes; fazendo-o para servir com isso ao Principe D. João, ao depois rei, terceiro desse nome. Achava-se a obra já quasi toda impressa *), quando (em dezembro de

*) »E como colhi este fruito . . . mandei-o imprimir. No qual tempo, por vontade da Summa Potencia, recebeste o real cetro« etc. (*Prologo feito depois* etc.)

1521) subiu ao trono o mesmo Principe, pela morte de seu pai, elrei D. Manuel; e o autor, depois de alguma hesitaçâo*), preferiu nâo deixar de lhe dar publicidade, com a unica precauçâo de a fazer preceder de um novo prologo, contando o succedido.

Já se vê pois que nâo é possivel ter havido uma ediçâo anterior de 1520, como se lê em Barboza, seguido por Brunet; e em todo caso bem mostra o Sr Innocencio (T. 3º p. 318) que era quasi impossivel que tal ediçâo fosse feita por Joâo Barreira (em Coimbra).

A' 1ª ediçâo foi pois a que, segundo o proprio autor, se fazia em Dezembro

*) »Fizerâo-me duvidar o que faria, se perder o gasto que *tinha feito na impressâo*, entregando o meu trabalho ao fogo« etc. (Idem.)

de 1521, quando sobreveio a morte d'elrei D. Manuel, e só foi acabada »na nobre e sempre leal cydade de Lyxboa«, per German gualharde (*sic*), »a iii dias de Março da era de mil e quinhentos e xxii«, com o titulo: »*Prymeira parte da cronica do Emperador Clarimundo donde os Reys de Portugal descendem*« etc., 1 vol. in folio, em lettra gothica, e III—176 folhas, em duas columnas, tendo no frontespicio uma estampa representando o emperador Clarimundo no trono, donde parte o tronco genealogico que figura ser dos reis de Portugal.

Foi depois reimpressa em 1553, e de novo em 1601. — Nâo sabemos se tambem incorreria no anathema inquisitorial dos outros livros de cavallarias, de que tratamos na pag. 43, ao ver

que não se fez a quarta edição senão passados cento e quarenta e um annos em 1742. Perto de meio seculo depois, em 1791, foi publicada uma excellente edição em 8º; e dahi a quasi outro meio seculo, em 1843, saiu á luz a sexta e última edição feita na Rollandiana.

Não entraremoa em explicações acerca do conteúdo desta novella, que nada offerece de particular. E' mais *uma de tantas* redigidas sob a impressão das leituras de outras, »mudando-se as *setas* em *grelhas*«; como se conta que fez certo prégador, a respeito de um sermão a *S. Sebastião*, que, com essa pequena modificação, applicou a *S. Lourenço*. Podemos entretanto citar como lampejos, senão de inventiva originalidade pelo menos de natural pa-

triotismo do autor, a visita de Clarimundo ao Tejo, descobrindo a sua foz na *Roca* de Cintra (de que, por imitaçâo, tratou tambem depois F. de Moraes), a lembrança da ordem »sagrada e militar« de Christo, e os serviços dos seus cavalleiros nos descobrimentos, por meio de navios*), que fizessem »conhecer ao mundo que é maior do que elle de si cuidava«, e finalmente a chegada á Hespanha, effectuando ahi seu casamento, de um dos filhos de Clarimundo, progenitor, segundo a novella, do pai do 1° rei de Portugal.

*) »Aves sem espiritos, com *cruzes de sangue* nas azas.« -- Felizmente o chronista da Asia deixou-se depois destas falsas allegorias.

§. X.

Continuação do último Cyclo. A Diana de Montemayor. Como partecipa de livro de cavallarias. Nacionalidade e patriotismo de seu autor. Quanto deixou escripto em lingua portugueza. Traducções da Diana em francez, inglez, allemão e hollandez.

Longe estaria talvez da mente de muitos dos leitores, quando acima nomeámos a Jorge de Montemayor, que teriamos tão breve de voltar a elle, e comprehendel-o neste nosso estudo. Cremos conscienciosamente que este illustre filho do Mondego, grande poeta e musico distincto, tem direitos a não ser tratado

com ingratidâo por tantos litteratos portuguezes, que antes pelo contrario deviam quanto antes chamal-o de todo a si. E isto apezar de se haver esse autor appellidado com o nome da sua villa natal (Montemor-o-velho) traduzido em castelhano, e apezar de haver escripto mui pouco em portuguez, e quasi tudo em castelhano; — sem dúvida para que tivessem consumo os seus livros, nos logares onde a sua sorte lhe permittia publical-os; pois para nâo ter leitores inutil e até prejudicial (á bolsa) houvera sido o escrever.

Antes porém de mostrarmos que a verdadeira nacionalidade do poeta de Montemor foi a portugueza, e nâo a castelhana, digamos como a sua *Diana*, que segundo elle proprio declara, »contêm mui diversas historias de casos

que verdadeiramente succederam, embora com pretenções de pastoril, partecipa, e muito, do genero de livro de cavallarias. Se não fosse bastante a dar-lhe estes fóros o combate de Feliz em presença de Felismena perto de Montemor-o-velho, davam lh'os o lindo episodio do galhardo mouro Abindarraez com o alcaide de Antequera e seus valentes cavalleiros; episodio de que vimos, ha tempos, uma edição com variantes, bem que posterior á primeira das obras de Montemayor. E tanto é aparentada com os livros de cavallarias, que o proprio Cervantes, apezar de exceptuar, no auto de fé delles, a *Diana,* como romance pastoril, não duvidou de incluir a sua leitura no número das que tinham trastornado o juizo a D. Quixote, quando

respondeu ao lavrador »as mesmas palavras e razões que o captivo Abencerraje respondia a Rodrigo de Narvaez, do mesmo modo que tinha lido a historia na Diana de Jorge de Montemayor.« E sem dúvida seria como livro de cavallarias qae esta novella recebeu as honras de entrar nos indices expurgatorios, ao lado das composições do mesmo genero de Bernardim Ribeiro, de Jorge Ferreira e outros.

Se a *Diana* tem porém justos titulos para figurar entre os livros de cavallarias, mais justos os tem o seu autor para alcançar na litteratura portugueza o logar que lhe negam conceder os desdens de muitos dos seus compatriotas; apezar de haver elle, obrigado de deixar a patria para cuidar da vida, não so por meio do seu appellido, em-

bora traduzido, como tambem dos seus proprios escriptos, feito célebre pelo mundo o »ninho seu paterno«, a que um illustre poeta dos nossos dias *) dedicou as seguintes linhas:

»Montemór, Montemór, com tua negra cinta de fortes muralhas, sumptuosos paços acastellados, sublime alcaçova, rica d'architecturaes ornatos, e de gothicas amêeas, ora vestida de verdenegras heras; — com tuas immensas varzeas tapetadas de lustrosas relvas, e abundantes ceáras e pejadas de pingues armentos, e cortadas polas orlas resplendentes das cristalinas aguas do placido Mondego, e de suas lodosas, e manças vallas; — e com o aspecto variado dos oiteiros, e montes de tuas vastas cercanias.«

»Montemór, tu és o rei, assim como é Coimbra a rainha do Mondego: — és o rei pola varonil, e magestosa catadura de teu castello gigante, como ella é a rainha

*) O Sr. José Freire de Serpa: Vej. *A Moira de Montemor,* Coimbra 1840.

polo delicado conjuncto de tão ricas e primorosas lindezas, como as que pela sua graciosa encosta de apinhadas alvuras se descortinão; — tu avassallas nobremente com teu sobranceiro aspecto de campeador, e de monarcha os largos prainos, que, estendidos a teus pés de sul a septemtrião, e d' oeste a leste, vassallagem, e feudo de tuas riquezas te tributão humilhados; como ella suavemente domina com a voluptuosa gentilesa de seus reaes edificios, e jardins, as prateadas arêas, e embalsamados pomares, e frondosos olmedos, e deleitosas veigas, que á roda de seu throno marmoreo, corte d' amor, e avassallada galantaria lhe offerecem; tu ostentas o annel das grossas amêas, que toldão a tua alcaçova, como corôa de rei, alçada, e alevantada na espada valente de lidador; e ella estende os seus eirados, e os seus jardins, e as cupolas gentís, e variegadas de seus templos, e as graciosas fachadas de seus edificios pelo declive do oiteiro, como voluptuoso manto de rainha sobre varzea de flores.«

Já na »*Historia de Alcido e Silvano*«, composiçâo em 162 estancias, que começa

»Suene mi ronca voz y lleve el viento
A ti, oh Lusitania! sus acentos«,

vemos o *cantor* de Montemor commemorando o seu berço:

... »Oh alto Monte y valeroso
Monte mayor, el viejo, tan nombrado,
Y *monte* de fé lleno, mui glorioso,
Mayor, por mas valiente y señalado!«

Melhor porém o faz no propria *Diana*. Depois de descrever com verdadeiro amor, e como proprios, os campos do Mondego e a bella Coimbra, parece fazer uma revelaçâo de certos primitivos amores em Fremoselhe, na seguinte conversaçâo passada junto da sua villa:

»Felismena que entre unos juncales mui altos se avia metido tan cerca de las pas-

toras, que pudiesse oir lo que entre ellas pasava, sintió que la lengua era Portuguesa, y entendió que el reyno en que estava era Lusitania: porque la una de las pastoras dezia con gracia mui estremada en su misma lengua à la otra, tomandose de las manos:

»Hay Duarda! quan poca razon tienes de no querer à quien te quiere mas que à si: quanto mejor te estaria no tratar mal à un pensamiento tan ocupado en tus cosas. Pêsame que à tan hermosa pastora le falte piedad, para quien en tanta necessidad esta della.

»La otra que algo mas libre parecia, con cierto desden, y un dar de mano, cosa muy natural de personas libres, respondia:

Quieres que te diga Armia, si yo me fiare otra vez de quien tan mal me pagó el amor que le tuve, no terná el la culpa del mal que à mi deseo sucediere. No me pongas delante los ojos servicios que ese pastor algun tiempo me aya hecho, ni me digas ninguna razon de las que el te dá para moverme: porque ya pasó el tiempo en que sus razones le valian...

...»El dize que la razon con que del te quejas, esa misma tiene para su disculpa: porque antes que se casase, estando contigo un dia, junto al *soto de Fremoselle,* te dijo. Duarda, mi padre quiere casarme, que te parece que haga? y que tu le respondiste muy sacudidamente. Como Danteo, tan vieja soy yo, ó tan gran poder tengo en ti, que me pidas parecer y licencia para tus casamientos? Bien puedes hazer lo que tu voluntad y la de tu padre te obligare, porque lo mismo haré yo.«

E logo mais adiante prosegue desta maneira:

»Las pastoras Portuguesas con muchas lagrymas las consolavan, doliendose de su destierro, cosa muy natural de aquella nacion, y mucho mas de los habitadores de aquella provincia. Y preguntandoles Felismena que ciudad era aquella que avia dexado házia la parte donde el rio con sus crystalinas aguas apresurando su camino, con gran impetu venia, y que tambien deseava saber que castillo era aquél que

sobre aquel *mayor* que todos estava edificado, e otras cosas semejantes. Y una de aquellas pastoras, que Duarda se llamava, le respondió, que la ciudad se llamava Coymbra, una de las mas insignes y principales de aquel Reyno, y aun de toda Europa; asi por la antiguedad de nobleza de linages que en ella avia como por la tierra comarcana à ella, la qual aquél caudaloso rio, que Mondego tenia por nombre, con sus crystalinas aguas regava. Y que todos aquellos campos que con tan gran impetu iva discurriendo, se llamavan el campo de Mondego, y el castillo que delante los ojos tenian, era la luz de nuestra España, y que este nombre le convenia mas que el suyo proprio; pues en medio de la infidelidad del Mahometico Rey Marsilio, que tantos años le avia tenido cercado, se avia sustentado de manera que siempre avia salido vencedor, y jamas vencido: y que el nombre que tenia en lengua Portuguesa era Montemor o Velho, adonde la virtud, el ingenio, valor y esfuerço avian quedado por tropheos de las hazañas que los habitadores del, en aquel tiempo avian hecho.

Y que las damas que en el avia, y los cavalleros que lo habitavan florecian hoy en todas las virtudes que imaginar se podrian. Y asi le coñtó la pastora otras muchas cosas de la fertilidad de la tierra, de la antiguedad de los edificios, de la riqueza de los moradores, de la hermosura y discrecion de las nymphas y pastoras que por la comarca del inexpugnable castillo habitavan, cosas que à Felismena pusieron en gran admiracion.«

Assim, ainda quando a *Diana* estivesse toda em castelhano, o que nâo se realisa, pois contêm composiçôes em portuguez, nâo devêra ella considerar-se estranha a Portugal, paiz que o autor, como seu filho, tanto exalta, chegando a nomeal-o como »inexpugnable reino de Lusitanos«.

Além de quê: nem é a lingua o caracter unico da nacionalidade de qualquer composiçâo litteraria; nem sâo tâo

alheias entre si as duas, portuguesa e castelhana (que alias, n' outro tempo, foram por ventura a mesma) que não apreciem e saborêem os litteratos de ambas o que se acha bem escripta na outra; e que da maior parte dos bons engenhos portuguezes não haja tambem classicas paginas em castelhano. E é tão verdadeira essa correspondencia entre as duas linguas que muitas vezes me confessou o distincto poeta Garrett (e o mesmo me disse uma vez J. M. Grande) que, antes de escrever qualquer composição, se *enfronhava,* e refrescava um pouco o espirito, lendo *romances* castelhanos; e assim o praticou ao compôr, em duas occasiões (que, por um pouco doente, se viu obrigado a não sair de casa) o *Fr. Luiz*

de Souza *) e o *Alfageme*, composições ambas de que amigavelmente me fiou os manuscriptos, antes de lhes dar os últimos retoques, e de fazel-as representar. E vice versa, em Madrid várias vezes me disse D. Agustin Duran, o autor do *Romancero*, que muito aprendêra boa linguagem castelhana com a leitura dos escriptos portuguezes de Gil Vicente, de Jorge Ferreira e de Camões.

Nem deve isso causar admiração aos que saibam que, tendo presente os mais antigos documentos em vulgar, que se encontram de Portugal, Galliza Leon e Castella, se nota que houve um tempo em que o romance falado em toda a parte nort' occidental da Hespanha devia ser quasi identico.

*) Nota no fim.

Nâo tratemos já das cantigas d'Affonso o sabio, que em *verdadeiro* portuguez preferiu cantar. Remontando porém mais longe, até onde é possivel, todos os documentos se nos afiguram como escriptos em portuguez antigo. Assim uma simples chrestomathia de taes documentos, por ordem chronologica, poderia dar uma exacta idéa de como a transformaçâo e emancipaçâo das duas linguas, portuguesa e castelhana, se foi operando *). Dil-o-hemos em poucas palavras, pedindo venia, por esta pequena digressâo.

*) As ideas, que aqui apresento foram por mim sustentadas, na Hespanha, em muitas conversaçôes com os meus amigos Pidal e Duran; e expondo-as uma vez, extensamente, ao meu collega Montherot (de Macon), elle as achou tâo rasoaveis que me disse havel-as transmittido ao seu tio (materno) o conhecido Lamartine.

Os Castelhanos com mais frequente trato com os seus visinhos Arabes, por ventura mais civilisados, foram *arabisando* a linguagem, principalmente no tocante á pronúncia. Provaremos ésta asserção, exemplicando-a em um vocabulo bem trivial: *Filho*. Os antigos Castelhanos, segundo se confirma até pelos differentes textos traduzidos do *Liber Judicum*, diziam, á semelhança do latim, *Fillo*. Porém já nos poemas do 14° e 15° seculo haviam passado a dizer *Fijo*, adoptando dos Arabes o som guttural para a segunda syllaba. Por fim, como os Mouriscos de Andaluzia e Granada não podessem pronunciar o F, foi admittido no Castelhano outro guttural para a primeira syllaba, e a palavra se converteu em *Hijo*. E o mesmo se passou, transfor-

mando-se *Fita*, *fizo*, etc. em *Hita*, *hizo*, etc.

Por sua parte, Portugal, ou por mais intolerante, ou por se achar em contacto com Mouros mais rudes, e de quem menos tinha que servir-se, por isso mesmo que tambem estava mais inculto, conservou quasi estacionaria a sua pronunciaçâo, e seguiu dizendo *Filho,* como ainda hoje; embora adoptando muitas palavras de origem arabe. Depois de haver resistido á invasâo do guttural mourisco ou arabe, cedeu porém a lingua portugueza a uma nova invasâo, que lhe veio da Asia, com o aroma do cravo e o queimôr da pimenta. Foi a do feio nasal *âo,* substituido ao *am* forte, e ao *on*, em uso até os fins do 15º seculo, e ainda principios do 16º. — Por ven-

tura o proprio Camões, voltando do Oriente, viria a contribuir com todo o peso da sua autoridade, para essa admiravel e quasi inexplicavel *nasalisação* da lingua. —

Cumpre-nos acrescentar que antigamente os Castelhanos usavam, não dos artigos *el* e *la*, como hoje; mas sim dos, ainda hoje portuguezes, *o* e *a**).

Deste modo nenhum dos dois idiomas é dialecto, nem meio dialecto do outro. São duas linguas *irmãs*, — procedentes de quasi indentico romance. E não são as duas unicas da peninsula hispana. Sem contar o vasconço, mais antigo

*) No proprio titulo da antiga tradução do livro das leis feitas no IV. Concilio toledano (no setimo seculo) se lê: *en* »*o* IV. conceyo».. *en* »*o* tercero anno»....*en* »*a* era de», etc. . Em portuguez se dizia antigamente *en*; e dahi veio *no*, *na*, por *em o*, *em a*.

e original, são linguas e não dialectos, o catalão e o valenciano, ambos com bons poetas, bons historiadores e bons romancistas, que nenhuma politica será capaz de aniquilar.

Porém prosigamos; que cumpre dar a conhecer as paginas portuguezas, em prosa e em verso, que nos legou o illustre cantor de Montemór. Eis um bom trecho em prosa, engastado no proprio texto da Diana:

»Ah! pastora, se as lagrimas d'estes olhos, e as magoas deste coração, são pouca parte para abrandar a dureza com que sou tratado, não quero de ti mais, senão que minha companhia por estes campos te não seja importuna, nem os tristes versos que meu mal junto a esta fermosa ribeira me faz cantar, te deem occasião de enfadamento. Passa

fermosa pastora a sésta á sombra destes salgueiros, que o teu pastor te levará as cabras ao rio, e estará ao retiro do sol, em quanto nas cristalinas aguas se banharem.

»Pentea, fermosa pastora, os teus cabellos de ouro junto áquella clara fonte, donde vem o ribeiro que cêrca este fermoso prado está, que eu irei em tanto a repastar teu gado, e terei conta com que as ovelhas não entrem nas seáras que ao longo desta ribeira estão. Desejo que não tomes trabalho em cousa nenhũa, nem eu descanso em quanto em cousas tuas não trabalhar. Se isto te parece pouco amor, diz tu em que te poderei mostrar o bem que te quero«....

»La pastora Duarda respondió entonces:

»Danteo, se é verdade que haja amor no mundo eu o tive comtigo, e tam grande como tu sabes: jamais nenhum pastor, de quantos apascentam seus gados por os campos de Mondego e vêem as suas claras aguas, alcançou de mi nem uma so palavra, com que tivesses occasiâo de queixar-te de Duarda, nem do amor que te ella sempre mostrou: a ninguem tuas lagrimas e ardentes suspiros mais magoaram que à mi: o dia que te meus olhos nâo viam, jamais se levantavam a cousa que lhes désse gôsto. As vacas que tu guardavas eram mais que minhas: muitas mais vezes, receosa que as guardas deste deleitoso campo lhes nâo impedissem o pasto, me punha eu desde aquel' outeiro por ver se pareciam donde minhas ovelhas eram por mi apascentadas, nem

postas em parte onde sem sobresalto pascessem as ervas desta fermosa ribeira. Îsto me dava à mi tanto em mostrarme sojeita, como a ti em fazer-te confiado. Bem sei que de minha sogeiçâo nasceu tua confiança, e de tua confiança fazer o que fizeste. Tu te casaste com Andresa, cuja alma estê em gloria, que cousa é esta, que algum tempo nâo pedi à Deus, antes lhe pedi vingança della e de ti: eu passei despoìs de vosso casamento o que tu e outros muitos sabem; quiz minha fortuna que a tua me nâo desse pena. Deixame gozar de minha liberdade, e nâo esperes que comigo poderás ganhar o que por culpa tua perdeste.«

Saboreêmos agora as duas seguintes composiçôes em portuguez, que fazem lembrar as de Bernardim Ribeiro:

10.

Os tempos se mudarão
A vida se acabará,
Mas a fé sempre estará
Onde meus olhos estão.

Os dias e os momentos,
As horas, com suas mudanças,
Inmigas são d' esperanças
E amigas de pensamentos.

Os pensamentos estão,
A esperança acabará,
A fé me não deixará,
Por honra do coração.

E' causa de muitos damnos
Duvidosa confiança,
Que a vida sem esperança
Já não teme desenganos.

Os tempos se vem e vão,
A vida se acabará,
Mas a fé não quererá
Fazer-me esta semrazão.

2°.

Suspiros, minha lembrança
Não quer, porque vos não vades,
Que o mal que fazem saudades
Se cure com esperança.

A esperança não me val,
Pola causa em que se tem,
Nem promette tanto bem
Quanto á saudade faz mal:

Mas amor desconfiança
Me deu, em tal qualidade,
Que nem me mata saudade
Nem me dá vida esp'rança.

Erraráo se se queixarem
Os olhos com que eu olhei,
Porqu' eu não me queixarei
Em quanto os seus me lembrarem:

Nem podrá haver mudança
Jamais em minha vontade:
Ora me mate saudade
Ora me deix' esperança.

Além destas *) duas canções do dialogo transcripto, reproduzidos em vinte e tantas edições, pois mais de vinte conta o original da Diana, comprehendendo

*) Estando já composto o texto acima quiz consultar acerca de Montemayor o precioso thesouro do meu respeitado amigo Sr. Innocencio, e não duvído que no supplemento terá já a esta hora rectificado as seguintes linhas que escrevia em 1860 (Tom IV, p. 173): »E' todavia certo que Montemayor não compoz, e *menos imprimiu*, que se saiba, composição alguma neste idioma (portuguez). — Tudo o que delle se conhece é escripto em castelhano. Notavel sem desculpa foi por tanto o descuido do P. Antonio Pereira de Figueiredo, incluindo-o na lista dos autores qualificados por elle de primeiros classicos da lingua portugueza, tal qual se acha a pag. 25 do tomo IV das *Memorias de Litteratura* da Academia! — Seja este mais um exemplo do muito que os homens que se dizem grandes estão habituados a errar nas cousas mais triviaes.«

duas de Lisboa (uma de 1565 e outra de 1624), encontram-se tambem no Cancioneiro do mesmo autor, reimpresso várias vezes*), reminiscencias da lingua portugueza, e entre outras aquelle soneto, com pretençâo de portuguer e castelhano a um tempo,

»Amor com desamor se está pagando»,

que nâo transcrevemos aqui; nâo só porque anda manifestamente reproduzido com erros, sobretudo nos dois ultimos versos do 2° quarteto, como porque, admirando a idea (cuja execuçâo cremos alias mais facil do que a, tantas vezes resolvida, de compor

*) A ediçâo de Alcalá, de 1563, contém no frontespicio um retrato, que suppomos representar o do poeta.

trechos, até em verso, que são a um tempo portuguez e latim), parece-nos que não foi no desempenho mui feliz o poeta.

Concluiremos observando que a *Diana* é uma das composições peninsulares que mais favor obtiveram no estrangeiro. Acha-se, por varios autores, traduzida ao francez, a começar de 1578, posta em inglez desde 1598, em allemão desde 1624 e em hollandez desde 1652. Nada sabemos a respeito do italiano. So edições das traducções francesas se contam pelo menos doze, algumas, como as de 1603 e 1611, com o texto original ao lado.

Consta que o célebre Gaspar Barth, traductor em latim da *Diana* de Gil Polo (dada á luz no amo de 1625, em

Hanau, com o titulo de »*Erotodidascalus s. Nemoralium Libri V*») projectava tambem publicar, igualmente em latim, a de Montemayor; mas nâo chegou a levar avante a empreza.

§. XI.

Appendice Primeiro. Algumas palavras acerca da, Historia de Isea, impressa em portuguez, e porque não cremos que fosse livro de cavallarias. Descreve-se a edição castelhana de Reinoso. —

Mais um livro antigo portuguez impresso, que se dizia de cavallarias, vemos catalogado entre os lidos por Moraes no principio do seu »Diccionario da Lingua Portugueza». Referimo-nos á *Historia dos trabalhos da sem ventura Isea . . . e dòs amores de Clareo e Florisea,* impressa em typo gothico, sem indicação de anno,

nem de logar. O exemplar unico desse livro, que existia no Porto, na bibliotheca da casa de Balsemão, desencaminhou-se por occasião do sitio daquella cidade em 1832, e não ha noticia de seu paradeiro. Possuimos porém felizmente, com titulo analogo, um livro impresso em 1552, em castelhano, por Alonso Nuñez de Reynoso, que declara havel-o compilado de outro antigo em toscano, arranjando-o a seu modo, etc. A' vista da similhança dos titulos é mais que provavel que os dois livros, portuguez e castelhano, fossem com pouca differença o mesmo; e, em tal caso, de nenhum modo poderia Reinoso ser proclamado como autor, quando a edição portugueza, pelos indicios, devia ser visivelmente mais antiga. Se o texto portuguez era o original, ou se

o era o italiano, é questâo que nâo temos dados para decidir. A novella em castelhano é quasi exclusivamente amorosa e de lamuria. Ostenta erudiçâo classica, e até da mythologia, em um torneio dos deoses; mas ás vezes parece afectada, e por alguem foi julgada escripta por uma dama: — a famosa Sigéa.

Confessamos que nâo podémos aguantar a leitura seguida do livro, e que apenas o repassámos. Porém o Sr. Aribáu que o leu todo, ao que parece, assegura que nos últimos capitulos diminue de sensibilidade e passa á regiâo das visôes e encantamentos. No meio da narraçâo desaparecem os dois heroes, e fica apenas a desventurada Isea, porém convertida em mera espectadora. Por fim se apresenta um novo personagem em demanda d'aventuras; e,

se o livro não acabasse ahi, passaria provavelmente a continuação a ser de todo de cavalleiros andantes. Cremos que os leitores levarão a bem que demos aqui uma idéa, tão exacta quanto possivel, dessa edição castelhana, cujo conhecimento veio, até certo ponto, a pôr tambem em letigio a nacionalidade desta composição, que Portugal ha muito julgava pertencer-lhe.

E' um tomo de 8°; e consta de duas partes: a 1ª, com 200 paginas, numeradas todas, exceptuando as duas correspondentes ao frontispicio. Neste se lê: »*Historia de los amores de Clareo y Florisea, y de los trabajos de Isea: Con otras*) obras en verso, parte al estilo Español, y parte al Italiano:*

*) Não *tres*, como se lê no Dicc. do Sr. Innocencio, T. 3° p. 197.

agora nvevamente sacado a luz. Con Privilegio. En Venecia por Gabriel Giolito de Ferrari, y svs hermanos. MDLII.»

Depois do titulo, tanto neste frontespicio, como no do livro adjuncto (de que adiante se trata) se encontra a Phenix, que era divisa dos editôres; repetindo-se, em maior escala, no verso da última pagina, segundo se nota em outras muitas impressôs dos ditos Giolitos.

Precede a novella uma especie de dedicatoria de Alonso Nuñez de Reynoso »al muy magnifico Señor Juan Micas» datada de Veneza em 24 de Janeiro de 1552, na qual conta como *havendo*, em casa de certo hivreiro, *visto um livro,* que se dizia haver sido escripto prmeiro em grego, e depois

em latim, e ultimamente em toscano, e parecendo lhe »*cosa de gran ingenio y de biua y agraciada invêciô*» . . resolvera de »imitando, y no romançando escreuir esta mi obra q los amores de Clareo y de Florisea y trabajos de la sin ventura Isea llamo *en la qual no uso mas que de* la inuençion, y algunas palabras daquellos razonamientos» *).

Todas as paginas são de compacta e apertada lettra grifa ou italica. A novella de Clareo e Isea em 32 capitulos finda na pagina 196, seguindo-se na p. 197 um »soneto de vn cavallero cuio nombre se encubre para maiores cosas», soneto cujo autor considera a Alonso

*) Esta expressão fez suppor a Aribáu (*Bib. de Aut. Esp.*, III, p. xxix.), que o livro em toscano se chamava *Ragionamenti de amore*, e podia ser do florentino Firenzuola, o que não se confirma.

Nuñez de Reynoso como verdadeiro autor da novella; mas deve entènder-se autor »á maneira de Luis Hurtado«.

As tres paginas seguintes sâo occupadas com uma epistola do mesmo Reynoso a D. Juan Hurtado de Mendoza, datada de Veneza no 1° de março, de 1552, na qual elle se lhe declara autor do livro, dizendo: »Quanto ha en esta *mi obra* en prosa auer imitado o Ouidio, en los libros de Tristibus, a Seneca en las tragedias«.

Depois de concluir a carta, na pag. 200, lê-se »*Imprimio-se esta historia de Florisea en la muy nobre çiudad de Veneçia, por Gabriel Julito* (sic), *y sus hermanos, y cabosse* (sic) *primero dia de Março de MDLII años*».

Vem depois o *Libro segvndo de obras en coplas castelhanas y versos*

al estilo italiano. »*In Vinegia appresso Gabriel Giolito de Ferrari et Fratelli MDLII.*

E' uma nova obra de 135 paginas numeradas, e no fim desta última se lê: »*Imprimieronse estas obras en uerso, que uan juntamente con la historia de Florisea, en la misma estâpa de Gabriel Julito* (*sic*) *y sus hermanos, y acabaronse en el mismo dia*«.

Este 2º *livro* consta de versos de Reynoso, em lingua castelhana, mas segundo o estylo e arte rithmica mais em uso em Italia; donde se vê como se expressaram com pouca clareza tanto Brunet como especialmente Grässe, quando delle dâo noticia, dizendo o primeiro (T. 4º, ed. 1863, pag. 1199) »Le style de ce roman est un mèlange d' espagnol et d'italien«, e o segundo (Tom. 6º, p. 73)

»Ce livre, écrit dans un style *mêlé d'espagnol et d'italien*«, etc. O certo é que não ha em todo o livro mais composição em italiano do que um soneto em louvor de Reynoso pelo conhecido poeta Ludovico Dolce, autor dos dialogos das Damas, da pintura e da memoria artificial, e dos cantos de Sacripante e de varios epopéas, celebrando não so Achilles, Eneas, Ulisses e outros, como os fabulosos Palmeirim, Primaleão, e Orlando. Os versos consistem em decimas, eglogas e epistolas, entre as quaes uma (de pag. 119 a 124) em tercetos, ao »famoso» Feliciano de Silva, lembrando-se, com admiração de suas filhas, Maria e Isabel, e concluindo deste modo:

»Y Betica se huelgue con Lucano,
Y Meonides traiga mui ufana

Su Grecia, mas España a Feliciano
Contra todos oponga muy loçana».

Já se vê que estas poesias nada tem que ver com a novella da primeira parte, reduzindo-se a lamentos e queixumes do autor que se via em pobreza. Outro tanto porém não succede com uma nova epistola ao mencionado Juan Micas, que vem de pag. 3 a 5, com juizos acerca da novella. Della transcrevevemos aqui os periodos em que se refere á mesma novella; pois equivalem bem a uma descripção della.

....»esta historia passada de Florisea, yo no la escreui para que seruiesse solamente de lo que suenan las palabras sino para auisar a bien biuir como lo hizieron graues autores, que inuentando Fiçiones, mostraron a los hombres auisos para bien regirse haziendo sus cuentos aplacibles, por induzir a los letores a leer su abscondida moralidad ...

Y ansi todas las mas cosas de aquella historia tienê secreto, porque por Florisea y Clareo, se entiende, quâ obligados son los casados a guardar firmesa y usar uirtud por Isea quan bien estan los hôbres en sus tierras, sin buscar a las agenas. Por aquella defunta Ninpha que ninguno se confie por gallardo y robusto que sea en la uida ni en su mocedad por Felicindos la fortaleza que los hombres de grande animo deuen tener, por poder llegar a aquella casa de descanso. adonde estaua la princesa Luciandra, porquê aquella es la clara y uerdadera, y assi ninguna cosa ay en toda aquella historia, que no tenga algun exemplo para bien biuir. Por lo qual quien a las cosas de aquel libro diere nombre de las uanidades de que tratan los libros de cavallerias, dira en ello lo que yo en mi obra no quise dezir, porque en uerdad que ninguna palabra escreui que primero no pensasse lo que de baxo queria entêder« etc.

Tanto o texto completo da novella em castelhano, como a carta a Juan Hurtado, os dois sonetos, a dedicatoria

a Juan Micas e parte da carta ao mesmo Juan Micas de que acima fazemos mençâo foram en 1846 reproduzidas, de pag. 631 a 468, do Vol. III. da *Bibliotheca de Autores Espàñoles.*

§. XII.

Segundo Appendice. Paginas de historia. — De como a rainha D. Joana foi víctima da ambição de outros.

Tanto interesse deve merecer aos leitores tudo quanto respeita á rainha D. Joana, se na realidade foi ella o ideal dos amores de Bernardim Ribeiro, segundo se pode deprehender á vista de quanto exposémos desde paginas 123 a 127, que julgamos dever associar a este livrinho algumas paginas acerca da sua triste história.

Quanto mais estudâmos o que se passou com essa infeliz rainha (apenas

de nome) mais nos convencemos que ella foi victima da ambição dos outros, e não da sua falta de capacidade para o governo.

Ainda quando se nos provasse que os sofrimentos que padeceu como querem alguns, depois de dar á luz o infante D. Fernando (em Alcalá aos 10 de março de 1503) tivessem mais de mania puerperal do que, segundo pensamos, de ciumes do marido e vehemente paixão physica por elle, não é difficil reconhecer que embora ciumenta, caprichosa e sem nenhuma ambição de mandar, não era tal *louca;* e que disso estiveram convencidos não só o pai e depois o filho, como antes o marido. Este último, perseguido pelos *justos* ciumes da mulher, e com receos de que os escandalos passados nos pa-

ços de Flandres, chegassem, em seu desabono, aos ouvidos do sogro e da sogra, tomou o facil, bem que inhumano, expediente de dar aquella por adoidada, e de encerral-a. Contribuiram estas notícias a abreviar os dias da infeliz mâi; e no testamento que deixou, obra toda de astuto e ambicioso marido, o catholico, dispoz, entre várias enormidades em favor deste, que a filha a herdaría, porém continuando a mandar em Castella como administrador o rei seu marido, no caso que aquella sua herdeira não quizesse ou não podesse vir a Castella. No proprio dia da morte da boa Isabel saiu o rei viuvo de casa a fazer proclamar rainha a filha, e a si administrador; e tudo fez reconhecer pelas côrtes que convocou em Toro, em Janeiro de 1505.

Poz embargos o genro, e se propoz passar a Castella, aconselhado pelo valido D. Juan Manuel, e apoiado efficazmente pela nobreza castelhana, pouco afeiçoada á Fernando. Intimou este ao genro que nâo poderia apresentar-se em Castella sem a mulher, e que os do reino desejavam conhecer, pelas obras, *se era falso* o impedimento que se dizia ter a rainha, ou se lhe permittiria governar e reinar« *). — Já se vê pois como o pai, quando via que o mando podia sair-lhe das mâos, duvidava dos impedimentos da filha.

Enviou a Flandres, com esta missiva, o seu adicto Conchillos, o qual, avistando-se com a Rainha, conseguiu della um decreto, approvando completamente o testamento da Rainha Isabel sua

*) Mariana, I, 28. cap. 12.

mâi, e entregando a administraçôa dos seus reinos ao pai. Sabe-se como essa tramma foi descoberta; do que resultou começar Felipe a tratar a Rainha com mais crueldade, despedindo todos e todas de Hespanha que tinha a seu lado, e encerrando-a, com mais severidade e vigilancia; do que, diz Lanuza, teve ella tanta colera que »maltrató de palabras al Principe de Simay y al señor de Frenoy, y aun se dize que puzo en este los manos, quando entendió que se havia mandado a Don Juan de Fonceca, obispo de Palencia que no entrasse a visitarla«.

Resolveu porém por fim o rei-consorte Felipe passar á Hespanha, levando comsigo a esposa. Aportando ambos em Inglaterra, conseguiu Fernando que Henrique 8º ahi os reti-

vesse em festas varios mezes; e entretanto começou a convocar tropas, a pretexto de libertar a Rainha, presa e *coacta* em poder do marido. Isto depois de haver tentado em vão de chamar a si, entre outros, o valido D. Juan Manuel, corrompendo-o directamente, ou por meio da sua mulher. Mas viu-se desamparado completamente da nobreza e de todos (exceptuando mui poucos, incluindo o duque d' Alba) e conheceu que não podia tentar o recurso das armas. — Por fim humilhou-se; assistiu desarmado e sem tropas ás conferencias, em que do lado do genro tudo estava em armas, aceitou o que este lhe quiz dar, não perguntou pela filha, nem chegou a vel-a, e sem mostrar nenhuns resentimentos, e como sem despedir-se de tornar a ser neces-

sario, retirou-se para o Aragão. Devem ler-se os cap. 20º e 21º do 28º livro da Historia de Hespanha por Mariana para se ter idea das humilhações, a que se submetteu então Fernando Catholico, no Remesal e em Renedo, em Junho e Julho de 1505.

Por outro lado tratou Felipe de lisongear aos nobres, encaminhando-os a que subscrevessem uma representação para que governasse, em detrimento da Rainha. Sabe-se como resistiu a assignar esse papel o Almirante de Castella, antes de avistar-se com a mesma Rainha, o que teve logar no Castello de Muciéntes. Tambem é sabido como nessa conferencia a Rainha, ao Almirante, »nunca respondeu coisa que fosse desconcertada«; instando entretanto Filipe em que se abreviasse a conferen-

cia, a fim de *encerrar* a esposa outra vez«; ao que ponderou o Almirante que visse bem o que fazia: »que pois o *seu mal eram ciumes*, encerral-a seria augmentar o mesmo mal e paixâo». Podia acrescentar que as proprias emoçôes que lhe dariam os assumptos da governança a distrahiriam e concluiriam por tranquilisal-a. Tal é, entre outros, um dos remedios aconselhados pelo famoso medico do amor, Ovidio; e por ventura o indicaria o proprio Almirante; mas tal remedio nâo podia ser aceito por quem tinha interesses de ver, pelo contrário, augmentada a doença, e até fazel-a incuravel.

Conseguindo entretanto Felipe, agraciando por todos os lados, alcançar o mando, tâo mal o susteve que, em toda a Castella ia rebentar uma guerra

civil, talvez mais sanguinolenta do que a dos communeros, que teve logar quinze annos depois, quando, havendo governado pouco mais de um anno, por fortuna sua, deixou de existir no dia 25 de Setembro de 1506, achandose mui robusto e no vigor dos 28 annos de idade. Adoeceu em umas festas dadas em Burgos pelo seu valido D. Juan Manuel, por tomar muitos refrescos quando transpirava. Diz Mariana que »algunos tuvieron sospecha que le dieron yerbas», e que o seu medico Ludovico Marliano, milanez, que foi *pouco depois elevado a bispo* (de Tuy), dissera que proviera a morte de exercicio demasiado......

Ao ver um medico estrangeiro recompensado com tal prebenda (um me-

dico com um bispado!) por aquelle que mais fructo recolheu da morte do genro, a quem odiava, não sabemos que ajuizar...

Se a paixão da Rainha pelo seu defuncto marido, embora della pouco merecedor, não fosse tão intensa, e se tivesse verdadeira ambição de mando, era chegada para ella a occasião de libertar-se, estando então o pai ausente em Italia. Ficou porém tão preocupada, que só no marido seguiu pensando as primeiras semanas. Quizeram os que se temiam do rei Catholico que se casasse logo outra vez, e offereceram vantagens a D. Maria de Ulloa, »que tinha com ella muita cabida« para que a isso a encaminhasse. Claro está que a Rainha, a quem seu marido deixára

gravida*), não podia então tal ouvir e »*lo rechazó e echó muy lejos*».

Por fim, tratou de informar-se dos negocios, mostrando-se desejosa de occupar-se delles. Ouvindo grandes clamores contra a torrente de graças feitas depois da morte de sua mâi, julgou que seria acertado começar por annulal-as. A enunciação deste pensamento foi a sua ruina. Os nobres devoristas preferiram antes arriscar-se a chamar ao governo o rei catholico, esperançados em que ao menos, como astuto politico, lhes faria válidas todas as mercês. A annullação iria até contender com alguns dos do Conselho Real, que, desde logo, se decidiram a inclinar-se

*) Veio a dar á luz a infante D. Catharina, ao depois Rainha de Portugal, em Torquemada aos 14 de Jan. 1507.

de todo pelo mesmo rei Catholico. O proprio arcebispo Ximenes, julgando-se com a Rainha muito menos seguro no poder, do que com o regresso do seu amigo, o rei Catholico, logo com este instou que não demorasse em se apresentar. E tão bem o serviu, que o ambicioso Fernando se apressou a recompensal-o, sollicitando para elle o cardealado.

Facil foi ao ardiloso rei entender-se com a boa filha, e fazer-lhe crer que mui altas razões de Estado exigiam que elle seguisse no mando, e ella apartada delle, e enclaustrada, rechassando toda a idéa de casal-a de novo. —

Alguns annos depois (1510) veio passar vinte dias com a desgraçada filha em Tordesillas, confiando-a a doze donas de *toda confiança*, para que a vi-

giassem e lhe fizessem companhia. Escriptor ha que acrescenta (suppondo candidamente que ella estaria louca rematada) »e para que a vestissem, porque ella não gostava senão de andar rota o suja e dormir no chão, *sem mudar de camisa»*..... Mas se isso era assim, como deixaram em sua companhia, até que casou, a infante D. Catharina, depois rainha e até regente de Portugal? E como a apresenta o mesmo escriptor entendendo-se depois tão judiciosamente com os chefes dos *comuneros?*

A clausura e incommunicabilidade com os de fóra foi tal que, nem se quer para pôr luto, lhe parteciparam a morte d'elrei seu pai, succedida em Madrigalejo no dia 25 de Janeiro de 1516; de modo que, só passados mais

de quatro annos, quando *posta em liberdade* pelos *comuneros*, foi que desta morte teve noticia, nem que o filho e a camarilha receassem que ella se alçasse com o Reino.

Devendo mostrar-se consequente com os motivos allegados para haver governado em Castella, vivendo a Rainha legitima sua filha, dispoz o habil rei Aragonéz que viesse a succeder-lhe no governo de ambos os reinos de Castella e de Aragâo, o seu neto D. Carlos, ficando o Cardeal Ximenes, a quem tanto devia, com a regencia, em quanto se nâo apresentasse o dito seu neto.

Nâo passando este a tomar posse, pretendeu que ficasse de regente o flamengo Adriano, que logo elevou ao papado. Depois, por meio de uma ordem, hypocritamente escripta, exigiu ser

chamado rei, do que murmurou o povo e a propria Rainha, sua filha, que, não havendo sido informada da morte do pai, o rei catholico D. Fernando, continuou nomeando a seu filho Principe, corregindo os que *se enganavam*. — Chegou a ter D. Carlos temores desta opposição *), e de que algum partido se levantasse a favorecel-a, pelo que tratou de a guardar com maior segurança.

Que não seria desde logo mui bem tratada se collige ao ver que se fez necessario que as Cortes de Valladolid em 1518 lembrassem no primeiro dos capitulos que dirigiram ao pseudo-rei:

*) »Y por temer-se *elrei* D. Carlos de los *malos terceros* que havia con su madre, procuró que en su servicio estuviesen siempre cavalleros *llanos* . . . que la sepultaron en Tordesillas». *Sandoval.*

»Que la Reina D. Juana...estuviese con la casa y asiento que a su Real Majestad se devia, como a *Reyna Señora* destos Reynos«.

Na carta que, dois annos depois, em 24 de outubro, os secretarios dos *comuneros* escreveram ao rei D. Manuel de Portugal *) diziam haver encontrado a rainha »tan mal tratada, »assi del poco cuidado de su persona, »y que de su salud se tenia, como de »otros desacatamientos que en Su Real »Persona se hazian».

Por essa occasião, posta a Rainha em completa liberdade pelos *comuneros*, não deu senão provas de muito bom accordo e são juizo. O célebre bispo Prudencio de Sandoval, chronista

*) Veja a integra em Sandoval, Hist. de Carlos V., Lib. VII., § XIII.

de Carlos V., apezar de haver ao parecer acreditado haver sido real a loucura da Rainha, nâo lhe attribue por esta occasiâo e nas muitos audiencias que deu a Padilla, a menor falta, nem se quer ás regras da etiqueta*).

Pelo contrário: ao Presidente Rojas e mais conselheiros respondeu: Quinze annos ha que nâo me tratam bem, nem me falam verdade e o Marquez (de Denia que presente estava) é o primeiro que me ha mentido. — Quiz justificar-se o Marquez, e ella proseguiu, dizendo ao Presidente Rojas: »Bispo, crê-me que me parece sonho tudo quanto vejo e quanto me dizem«. No outro dia presidindo ao conselho, que durou seis horas, ordenou, de seu proprio motu, que assim como se pra-

*) Liv. VI., § 25 e 26.

ticava no tempo da rainha sua mai, trouxessem cadeira para o bispo e bancos para os mais conselheiros. A vista do quê, com toda razâo exclama a este respeito o Sr. Ferrer del Rio, meu amigo e companheiro de viagem atravez dos fataes campos de Villalar: »Sus ideas se remontan de un vuelo á la muerte de su tierna y amorosa madre: desde entonces datan su desamparo y su ignorancia de cuanto ha acaecido en el reino. Habia al fin sonado la hora de justiciu celeste: los ministros del principe, *cuyo desvelo filial se redujo á visitar dos veces á su infeliz madre de pasada y como por cumplimiento*, enseñaban á las comunidades que en Tordesillas estaban la bandera de la legitimidad y el *centro de un poder benigno y justo* contra el

cual nunca se rebelára el espíritu monarquico de los castelhanos«.

Em summa: em companhia da Rainha, Dom Fernando Catholico passava, em quanto vivo, muitos dias; com a mesma Rainha morou até casar-se a infante D. Catharina, sua filha; os que viram a Rainha em Mucientes, em 1505, não lhe encontraram nenhuma falta; nem tão pouco, os chefes *comuneros* em 1520. Está autorisada a historia, — a justa e imparcial historia, a denominal-a *Juana la Loca?*

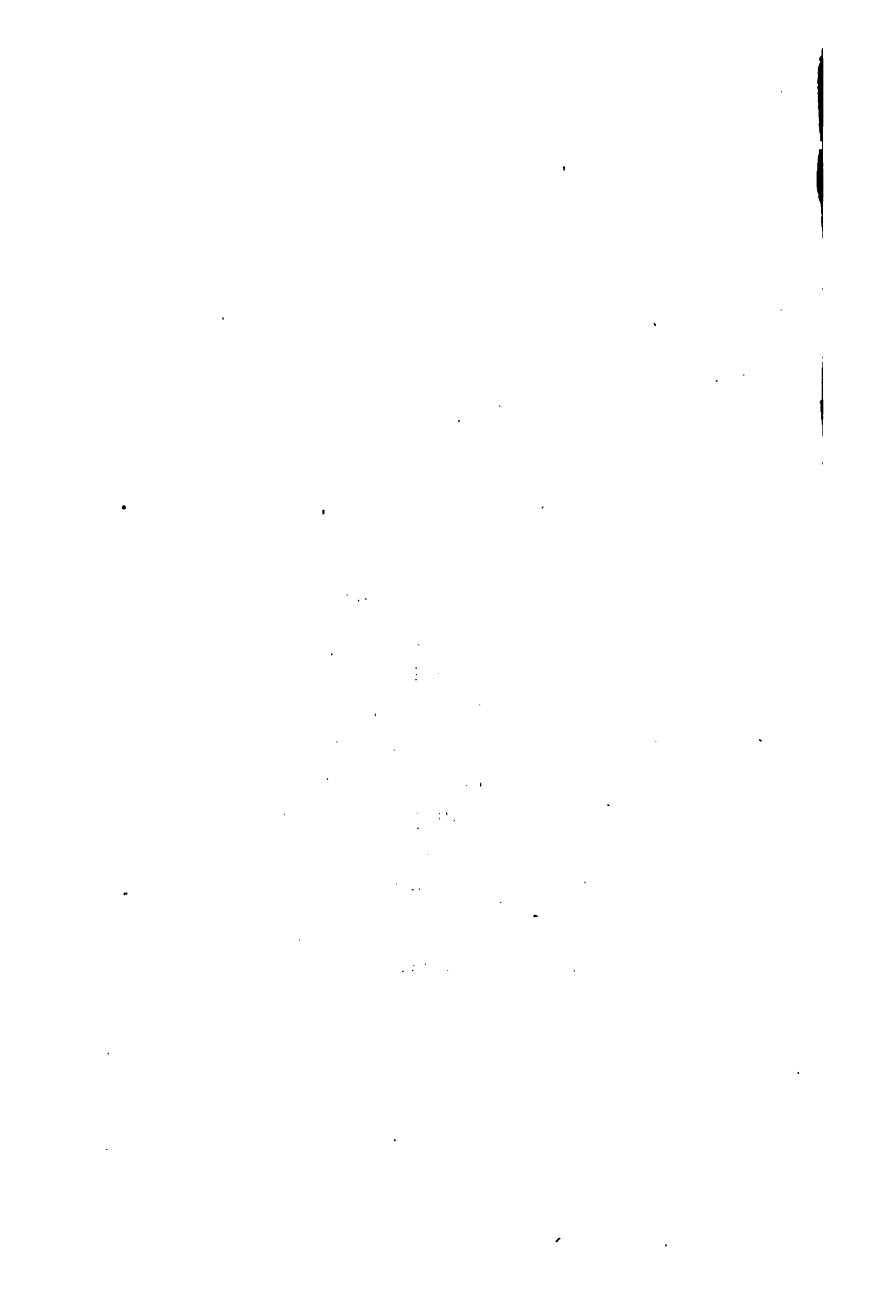
Infelizmente porém os *Comuneros* foram derrotados nos campos de Villalar, e a sacrificada Princeza, depois de haver gosado da liberdade, e de haver-se convencido de que era a legitima Rainha de Castella, e de como até ali fôra víctima, viu-se de novo encerrada,

e com o mesmo verdugo Marquez de Denia por carcereiro, e, o que deve causar mais pasmo, na miseria!..

Rasâo de sobejo deveu ter entâo para viver continuamente irritada, e nâo gozar mais de tranquillidade nos trinta e cinco annos que, por sua desgraça, ainda quiz Deus que vivesse, chamando-a somente a si, morrendo mui christâmente, a 11 de abril de 1555, quando contava 76 de idade, e se achava na maior pobreza *). Ah! Mundo! mundo!...— immundo...

Deste modo o célebre imperador Carlos V. só foi *legitimo rei* de Hes-

*) »El Marques Denia..a S. M. *la suma pobreza* con que la Reyna habia muerto y quedavan sus criados que era tan gran lástima que *por no dar pena a S. M, no lo dezia en particular*», etc. (Sandoval).

panha durante pouco mais de meio anno, e so esses mezes e dias *reinou* no Aragâo, que, bem differente de Castella, nâo o reconheceu antes naquelle titulo. Cançado de guerrear, de arruinar a rica Hespanha e de fazer derramar sangue, o que em Castella nâo foi 5º nem 1º, abdicou a 28 de Outubro, e foi morrer a Yuste. Deus lhe perdôe; mas trate a historia de nâo deixar-se levar pela fascinaçâo.

NOTAS.

Nota *A*, pag. 15.

O exemplar da *Estoria de muy nobre Vespasiano* da Bibliotheca Nacional de Lisboa nâo tem rosto, e estando falta das tres primeiros folhas, começa em parte do capitulo 3º, vindo logo os demais, conforme constará dos seguintes titulos, que nos foram communicados pelo nosso amigo Sr. Silva Tullio:

Como o emperador preguntou se iesu xpo creia nos idollos. Capitollo iiij.

Como o emperador enuiou buscar as reliqueas de iesu xpo pollo seu mestre salla. Capitollo v.

De como chegou gays a jherusalem e de como o acolheo jacob em sua casa e de como disse o mestre salla gays a jacob ao q'era vijndo a jherusale'?

Das palavras q dizia jacob ao mestre sala que se cria o emperador em jhesu xpo. Capitollo vi.

Como gays rogou a jacob q enuiasse polla molher veronica. Capitollo viii (sic).

De como folgou o emperador com a vinda de seu mestre salla. Capitollo ix.

Como disse o emperador que se deus he daua saude que vĩngaria a morte daquelle santo profeta jhesu chisto (sic) *).

Da oraçam q' fazia a sancta veronica. Capitollo xi.

Da voz do anjo que disse aa veronica em como falaria polla manhaâ a sam cleme'te aa porta. Cap. xii.

De como o emperador nô quis adorar os ydolos e foy saão co' o pâno de veronica. Cap. xiii.

Da grâde alegria que foy na corte do emperador polla saude de seu senhor *).

*) Não tem numeração.

*) Não tem numeração.

Diz no fim:

Foy emprimida a presente estoria de muy nobre Vespesiano emperador de roma em a muy nobre e sempre leal çidade de Lisboa per Valentino de morauia a louuor de D's e exalçamêto da sua santa ffe catholica, na era de Mill, cccc, lxxxxvi.

A numeraçâo dos capitulos chega ao 29º; havendo-se, por descuido manifesto, saltado do 6º ao 8º. Tem o

livro varias vinhetas gravadas em madeira, e, na última pagina, de um lado a divisa do impressor, e do outro a esphera manuelina, ambas igualmente gravadas em madeira.

E' quasi seguro que de texto igual a este deve ser o que, dois annos depois (1498), foi, em castelhano, impresso em Sevilha »por Pedro Brun savoyano, ... a 25 dias de Agosto«, em trinta e quatro folhas de 4º, com o titulo de *Historia del rei Vespesiano*, do qual existe um exemplar na bibliotheca grenvilliana do Museo Britannico, donde se deverâo copiar, para juntar ao exemplar em portuguez, as primeiras folhas que faltam.

Em vez ds *Historia de Vespasiano*, deveria este livro chamar-se, com mais razâo, *Historia* (tâo verdadeira pelo

menos como a do Santo Greal) *da Veronica.* Menos venturoso que o seu companheiro do Santo Greal, nâo teve este *conto* poetas novellistas que lhe dessem voga e exaltassem sua importancia. O Arimathéa do conto do Santo Greal converteu-se neste em Jacob, conservando-se entretanto ao mestre-sala de Vespasiano o proprio nome Gais, que lhe dá em sua compilaçâo o Dr. Manuel Alvares.

Nâo se deduza porém que esta lenda da Veronica seja de origem e invençâo portugueza. Outras analogas corriam em latim, desde o seculo 12º. Na Bibl. de Munich (Cod. Ignot. 86) se conserva manuscripta a lenda de Pilatos, de que deu Mone uma amostra no Anzeiger de 1838, p. 526.

Do *Livro de Joseph abarimatia in-*

titulado a primeira parte da demanda do Santo Grial ata a presente idade nunca vista treladado do proprio original por ho Doutor Manuel Alvarez démos a descripção no nosso *Cancioneirinho,* pag. 165 e 166.

Nota *B,* pag. 25.

A existencia de alguns livros de cavallarias, entre os de uso particular d' el rei D. Duarte, serve a confirmar que a taes leituras se dedicavam então os reis e os principes, e por meio della vinham até muitos a aperfeiçoar a sua educação; servindo-lhes quasi do tanto proveito como das historias verdadeiras. Quantos reis que a historia admira não haveriam sido tão bons, se não se houvessem proposto

tomar por modelo, já o rei Arthur, já Carlos Magno, já o Perion ou algum outro!

Assim os autores dos livros de cavallarias, então que não havia imprensa nem jornaes, podéram falar claro aos reis e aos grandes, como depois o fizeram no pulpito varios prégadores, incluindo o P. Vieira.

Note-se que, com os dotes mais essenciaes aos bons reis, de serem justos, piedosos, verdadeiros e *serenissimos*, são sempre apresentados nas novellas de cavallarias. Taes dotes foram ate exigidos na Hespanha em uma antiga lei de côrtes, que faz parte de um dos codigos mais admiraveis da idade media, no qual se lêem as seguintes disposições.

»O Rei deve reinar piedosamente,

fazendo direito. Deverá possuir as duas virtudes verdade e justiça e ser reconhecido por piedoso«. »Deverá ser em seus juizos mui manso... reinando com humildade de coraçâo e boas obras«... »O que.. for contra esta lei e for cruel com os povos por braveza, cobiça ou avareza, seja excommungado«... »Deve estar preparado a fazer mercês« etc.

Nota *C*, pag. 27.

Chamámos *castelhana* á novella do Tablante, porém mais seguro nos parece denominal-a *hespanhola*. Antes tem seus visos, até pelo nome, de ser de origem catalana.

Nota *D*, pag. 37.

Dando a conhecer a traducçâo de Bellotti, nâo podemos dispensar-nos, escrevendo em Vienna, do offerecer tambem aqui algumas noticias, menos conhecidas, das traduçôes allemâs.

Da do Dr. Heise publicou-se uma ediçâo em Leipzig em 1804 (por Weidmann).

Da de Kuhn e Winkler se publicou outra ediçâo em Vienna em 1828, em 16°.

Donner publicou só o 1° canto em Stuttgard em 1827; e depois toda a obra, por 1ª vez, em Ellwang, 1830, 4° gr.

Ao nosso amigo Sr. Innocencio escrevemos assegurando que a ediçâo (em portuguez) de 1821, que se diz do

Rio de Janeiro, é evidentemente feita em França; e que a J. E. Hitzig (de que lhe mandei um exemplar), foi feita em Berlin por Dümmler em 1810.

Creio haver-lhe tambem dado conhecimento de uma ediçâo do original dos *Lusiadas*, feita em Pernambuco (Typ. de Santos & Comp.) em 1843, 397 pag., in 32°.

Ultimamente fiz acquisiçâo de outra ediçâo, em dois volumes em 12, de Avinhâo, anno de 1828.

Nota *E*, pag. 39 a 41.

A' vista do proprio texto do Carlos Magno, o 1° livro foi tirado do *Espelho historial* *) em latim, e os immediatos,

*) »E o que até agora temos dito se tirou de hum Livro chamado *Espelho Historico*, e

com as proezas de Oliveiros e demais Pares, »das chronicas francezas«.

A respeito do 5º livro, conseguimos, em quanto se imprimia este opusculo, confirmar a nossa conjectura de que é de origem italiana; e nada menos que tirado do poema »*Innamoramento di Milone d' Anglante*«, nessa lingua impresso por vezes, desde fins do seculo 15º. — Devemos o ter apurado este facto á acquisiçâo que acabamos de fazer do rarissimo livro de Antonio de Eslava, impresso em Barcelona em 1609, sob o titulo de *Noches de In-*

sem discrepanciá se traduzio de Latim em Castelhano; e nós agora o traduzimos com melhor elegancia na nossa (faltou-lhe a *lingua*, apezar das filancias da *melhor elegancia*) Portugueza.« (Proemio do livro segundo.)

vierno (Primeira Parte, sem segunda). Dedica Eslava o cap. 8º, desde fol. 141 v. a 165 (sem as folhas 142, 143 e 144 que foram salteadas), ao nascimento de »*Roldan y sus niñerias;* e o cap. 10º ao nascimento de Carlos Magno, que, traduzido, bem poderia fornecer um novo livro á novella em portuguez. O nome de *Milon d' Anglante* foi convertido em *duque de Milâo* no texto portuguez.

Os resumos de Eslava estâo em prosa, e nâo em verso, conforme imaginou o Sr. Gayangos, no seu *Catalogo*, pag. LXXXVI.

Quanto á *Segunda Parte* do Carlos Magno, que foi dedicada ao alcaide mór do Rio da Janeiro Manuel Corrêa Vasques, diz-se ella no rosto »fielmente tirada das chronicas francezas daquelle

tempo«; mas semelhantes declaraçôes eram geralmente ficticias.

Bem que de assumpto posterior á epoca do cyclo carlovingio, pode associar-se a ella, como uma continuaçâo, como se pretende no proprio texto da novella, a dos nobres *Oliveros de Castilla de Artur del Algarve*, hoje bastante rara, apezar das ediçôes (em castelhano) de Burgos (1499), Valladolid (1501), Valencia (1505), Sevilla (1507 e 1510), Alcalá (1604) e das duas de Madrid do seculo passado, uma sem data e outra de 1735, ambas as quaes se encontram na Bibl. Imp. de Vienna.

Em uma carta de Duarte Gomes *ao* traductor italiano Francesco Portonari da Trino, junta á traducçâo publicada em Veneza em 1552, se dá como ve-

rosimil haver sido originalmente obra de autor portuguez; mas não se allegam para isso razões de bastante peso.

Nota *F*, pag. 42.

As tres novellas do P. Matheus Ribeiro, em estylo gongoristico, e repletas de enfadonhas erudições, bem como o *Serão Politico* de Fr. Lucas de Santa Catherina (sob o anagramma de Felis da Castanheira Turacem), entremeado de poesias castelhanas, vieram bastante depois, e nunca chegaram a alcançar tanta popularidade como o Trancoso e o Rabello (Gaspar Pires); segundo se confirma pelas frequentes edições que tiveram, especialmente aquelle, que, segundo as mais recentes averiguações, chegou a ser honrado

com dez pelo menos em perto de um seculo (1585—1681).

Nota *G*, pag. 58.

O autor do *Palmeirim d' Inglaterra* veio a imitar a Vasco de Lobeira quando fez Amadiz engeitar a Briolanja. Tambem o heroe de Moraes, para ser fiel a Polinarda, desdenha o casamento que se lhe offerece com a bella rainha da Tracia, que acabava de libertar, propondo-lhe que se case com seu irmâo Floriano, que, como Galaor, ainda vivia *isento*.

Nota *H*, pag. 61.

Eis as proprias frases do filho do poeta Ferreira: »Os dous sonetos que

vão fol. 24 fez meu pai na linguagem que se costumava neste Reyno em tempo del Rey D. Dinis, que he a mesma, em que foi composta a historia de Amadis de Gaula por Vasco de Lobeira, natural da cidade do Porto, cujo original anda na casa de Aveiro. Divulgarão-se em nome do Iffante D. Affonso, filho primogenito del Rey D. Dinis, por quam mal este principe recebera (como se ve da mesma historia) ser a fermosa Briolanja em seus amores tam mal tratada«.

Nota *J*, pag. 69.

Dizemos *admissão* e não *invenção* do soneto por Dante Alighieri; porque estamos convencidos que este grande poeta não foi o verdadeiro inventor

dessa fórma rithmica*), embora ja antes de Petrarca, lhe desse grande autoridade, ao servir-se igualmente della. — Antes porém do dito Dante ja haviam nessa mesma fórma composto sonetos, na 2ª metade do 13º seculo, pelo menos, Albertino Girologo, Guittone d'Arezzo, Gervasio Ricobaldo, Ottaviano degli Ubaldini, Guido Orlandi, Mino del Pavesaio, Guido Cavalcanti e Dino Frescobaldi. Entretanto cremos que Lobeira conheceria as poesias de Dante, de mais nomeada que as dos outros, e até se nos figura que, compondo a sua resposta, foi nella inspirado pelo seguinte soneto de mesmo Dante:

*) Do 1º verso com o 4º, 5º e 8º e do 2º com o 3º, 6º e 7º.

Cavalcando l' altr' jer per un cammino,
Pensoso dello andar, che mi sgradia,
Trovai Amor nel mezzo della via,
In abito legger di pellegrino.

Nella sembianza mi parea meschino
Come avesse perduto signoria;
E sospirando pensoso venia,
Per non veder la gente, a capo chino.

Quando mi vide, mi chiamò per nome,
E disse: io vegno di lontana parte,
Dove era lo tuo cor per mio volere;

E recolo a servir novo piacere:
Allora presi di lui si gran parte,
Ch' egli disparve, e non m' accorsi come.

Nota *K*, pag. 79.

Na linha última se disse por engano *Florisando* em vez de *Esplandian*. Deste e não daquelle é o *Lisuarte de Grecia* verdadeira continuação.

Com o titulo de *Libro septimo de Amadis,* etc. foi deste *Lisuarte* publicada uma ediçâo em Lisboa, »em casa de Affonso Lopes«, acabada em fim de outubro de 1587, em duas columnas, e in folio.

Nota *L*, pag. 84.

Nâo é verdade, como assegurou certo compilador, que Bernardo Tasso, pai do autor da *Jerusalem Libertada*, fosse o traductor para o italiano do *Amadiz de Gaula.* O que fez Bernardo Tasso foi compor acerca do assumpto um poema original, em oitava rima, da mesma fórma que acerca de *Orlando* composeram os seus Boiardo e Ariosto.

O *Amadigi di Gaula* do pai do Tasso abrange, em cem cantos, o as-

sumpto dos quatro primeiros livros da novella de cavallarias, terminando no casamento de Amadiz com Oriana; havendo separado para um poema á parte tudo quanto respeitava a *Floridante.* O assumpto do primeiro livro é tratado nos primeiros trinta e um cantos. O poema começa do seguinte modo:

»L' eccelse imprese, e gli amorosi affanni
Del Prencipe Amadigi e d' Oriana,

. . . .

Cantar vorrei con si sonoro stile
Che l' udisse Ebro, Idaspe e Battro e Tile.«

Houve tambem uma poetisa italiana *) que emprehendeu acerca do Amadiz outro poema em oitava rima, do qual os primeiros oito cantos mss. passaram á *Laurenziana* de Florença.

*) Camilla Bella.

Em francez, antes da compilaçâo em prosa de Tressan, aperecêra, em 1629 (em Paris), outra feita por Pierre Marcassus.

Nota *M*, pag. 84.

Os primeiros quatro livros do Amadiz em italiano tiveram nada menos que oito ediçôes desde 1546 e 1589. A deste último anno foi feita em Veneza por Giacomo Cornetti, e nâo por Franceschini, como se deduziria do que diz Melzi, pag. 329 (da 2ª ediçâo). As outras seis foram de 1552, 1557, 1559, 1576, 1581 e 1584.

Nota *N*, pag. 84.

No rosto do primeiro dos seis tomos do *Sferamundi*, cujo principio é ainda

continuaçâo do *Silves da Selva* se diz haver sido traduzido do hespanhol pelo infatigavel Mambrino Roseo da Fabriano; mas semelhante circumstancia deixa de ser especificada nos cinco immediatos volumes, em que o mesmo Mambrino parece inculcar-se como redactor em vista *dagli antichi annali de gli Imperatori di Constantinopla,* ficçâo esta de que entâo se serviam geralmente os autores de taes livros. Do principio da chamada Primeira Parte do *Sferamundi* se vê ser como é uma continuaçâo do volume anterior, quando começa assim: »*Tosto che la nave del maraviglioso Serpente de i maghi si mise in alto mare*«, etc. — Na parte immediata se trata da Duquesa *Drocina,* dos magos *Alchifo* e *Urganda* e de *Don Lucendos.* Na 3ª falla-se em uma

infante *Sestiliana* e um principe *D. Arlange Astropolo.* A 4ª é continuaçâo da anterior. Na 5ª conta-se o roubo de Sestiliana e o que passou a Anassimeno, etc. E finalmente a última parte principía deixando Dorigello a ilha Felice e procurando a gran Selvagia, com os Centauros.

Damos aqui estas simples indicaçôes para os que desejem averiguar se as paginas do *Sferamundi* serâo originaes ou imitaçâo.

Nota *O*, pag. 91.

Conhecida é, pela descripçâo dos bibliographos a ediçâo de 1566 feita em Lisboa, »em casa de Manuel Joâo«, do »*Libro del invencible cauallero Primaleon hijo de Palmerín de Oliva,*

donde se tractan los sus altos hechos en armas y los de Polendos su hermano, y los de don Duardos Principe de Inglaterra, y de otros preciados caualleros de la corte del Emperador Palmerin«. — Sabe-se que consta de 242 folios numeradas em romano, a duas columnas e lettra gothica. Devemos só acrescentar que os titulos dos capitulos estão em redondo, sendo a primeira linha em typo mais grado, e que cada columna compacta tem cincoenta linhas. Passaremos pois á edição de 1598, igualmente de folio, e com o texto identico em tudo a essa de 1566.

E' em typo redondo, e com 226 folhas numeradas em arabico. Paginas de duas columnas de 47 linhas as compactas. A numeração dos capitulos seguida até o 298°, como na de 1566;

e sem a separação das tres partes feita por Delicado na edição de 1533, e seguida nas traducções *). Os capitulos são tambem pequenos, entrando dois ou tres em um dos da mesma edição de Veneza, que foi seguida pelo traductor italiano. E' diversa tambem da mesma edição de Veneza em certas trocas de palavras, alias de pouca importancia.

No folio 226 verso, traz as seis conhecidas coplas de arte mayor, em uma das quaes se diz ser o livro *lavrado* por mão feminil de *Augustobriga*, e logo depois remata do seguinte modo:

*) E' este editor, incançavel moralisador das vantagens das leituras dos livros de cavallarias, o proprio que assim o confessa no prologo da 3ª parte: »Yo con mi alma de cantaro riendo me de los que de mi burlaron parti el libro en tres partes y pusele el sobrenombre que el tenia: dixe libro primero, y segundo e tercero de Primaleon«.

Aqvi haze fin el libro de Palmerin

Emperador de Constantinopla. El qual trata de los altos & muy estremados hechos en armas que hizo su hijo Primaleon: & de las estrañas auenturas q̄ a su honra & con mucha gloria acabó. E assi mismo trata de los grandes hechos que en armas hizieron: & de los caualleros Polendos hijo del Emperador Palmerin y de Don Duardos Principe de Inglaterra: historia es muy dulce & aplazible: traduzida de lo griego en nuestra lengua castellana.

Impresso Em Lisboa. A custa de Simão Lopez Mercador de liuros.

Cremos ser uma traducçâo deste livro a que se deve ter publicado em inglez em 1589 com o titulo de *Palmendos* (Polendos?) »*sonne to Palmerin d' Oliva*«.

Nâo temos podido até agora encontrar nenhum exemplar do *Florisel de Niquéa,* que se diz impresso em Lisboa em 1597; mas inclinamo-nos a acreditar na existencia dessa ediçâo (provavelmente em castelhano); até pela circumstancia de haver tido essa novella como a do *Primaleon,* uma ediçâo em Lisboa, em 1566; sendo a do Florisel deste anno, pelo menos com as tres primeiras partes, por Marcos Borges, de folio e em duas columnas. Da terceira parte (Rogel de Grecia) se publicou em Evora outra ediçâo, pelos herdeiros de André de Burgos, sem

designação de anno, igualmente em folio e duas columnas, III — 285 folhas.

Nota *P*, pag. 92.

Que o *Flortir* é original d'Hespanha se confirma tambem pela declaração feita no privilegio concedido pela República de Veneza, tanto no primeiro volume, como depois no segundo, de haverem sido traduzidos *dallo spagnuolo*.

A publicação do *Flortir* em castelhano deve ter tido logar no intervallo dos 21 annos que decorreram desde que foi impresso em Valladolid o *Platir* (1533) até que saiu á luz (1554) a 1ª edição italiana do mesmo *Flortir*, que teve mais cinco edições successivas em 1562, 1565, 1573, 1581 e 1608.

Ha que advertir que do Primaleão foi

publicada em italiano em 1560 pelo inexgotavel e impávido Da Fabriano, digno rival de Feliciano de Silva, uma 4ª parte, a qual se annexou ás outras tres, levando o titulo de »*La quarta parte del libro di Primaleone. Novamente ritrovata e aggiunta, tratta da gli antichi Annali de gli Imperatori di Grecia nella lingna Italiana per M. Mambrino Roseo da Fabriano*«. — Possuimos, della (como das outras tres partes) a edição de Veneza, por Giov. Battista Bonfadino (não Bonfadio, como se lê em Brunet) de 1597. Começa no 1º capitulo com explicações, que bem se definem no seu titulo, que é o seguinte: »Come, e donde nacque l' errore, perche il fine del libro terzo di Primaleone non va ad affrontarsi con il libro di Platire per mancamento di alcuni fogli

lasciati à dietro dal traduttore, e l'errore di alcuni nomi equivocati«. — As primeiras outras ediçôes (cinco pelo menos) foram publicadas em 1548, 1556, 1559 (com a 4ª Parte em 1560), 1573 e 1584 *).

Damos estes notas bibliographicas, porque por ellas se comprova a grande invasâo que fizera pelo mundo a leitura dos livros de cavallarias, lendo-se tanto em Italia as traducçôes delles; ao passo que ficavam sem reimpressôes outras novellas originaes mediocres, em todo caso recommendaveis pela linguagem. Neste número podemos citar a pezadissima *Philena* de Nicolo Franco, no genero da *Fiametta* de *Bocacio*, impressa em Mantua, por Jacomo Ruffinelli, em 1547; segundo se vê da data

*) Ferrario, IV, pag. 258.

da dedicatoria repetida na declaraçâo feita no fim da fol. 470; folha que, no exemplar que possuimos é seguida de outra em branco, e de mais outra, branca no recto, mas em cujo verso vem de novo o retrato do autor (já estampado no frontispicio entre as lettras N. F), com o moto: »*Te lupe te muti et genuinum fregit in illis*«.

Nota *Q*, pag. 100.

Graças ao haver tido por traductores a Bocage e a Luiz Caetano, o *Gil Braz* é uma das novellas melhor traduzidas na lingua portugueza. Possuimol-o na 3ª ediçâo, publicada em Londres em 1808, em quatro nitidos volumes, pelo P. Felipe Fernandez. O *Telemaco*, especie de novella de *cavalheiros* an-

dantes *a pé*, em cuja traducção trabalharam o capitão Manuel de Souza, Filinto e por fim Jose da Fonceca, ainda está afrancesado, nos livros em que Filinto não teve parte, os quaes logo pela linguagem se reconhecem. Oxalá que algum dos juizes competentes, d'entre os que hoje cultivam com tanto proveito as lettras portuguezas, dando-se á leitura dos livros de litteratura amena, modernamente vertidos ao portuguez, fizesse, á lingua e ao público, o grande serviço de joeiral-os; recommendando unicamente aquelles que verdadeiramente *estão em portuguez*.

Nota *R*, pag. 122.

Do livro *Question de Amor* possuimos uma edição feita em Lisboa em

1540, que não encontramos mencionada pelos bibliographos. Foi della impressor Luiz Rodrigues, que no anno seguinte (1541) ahi reimprimiu tambem a *Fiametta* de Bocacio em castelhano.

Sabe-se que o assumpto do livro *Question de Amor*, em prosa e verso, se reduz a uma disputa entre dois amantes, para apurar qual sofria mais se o que servia sem esperança de galardão, se outro que perdera a sua amada. Segundo consta da propria novella, foi ella uma realidade. Ao principio são os nomes indicados por differentes palavras com inicial identica á dos nomes verdadeiros; porém, antes de acabar o livro, o autor descobre todos esses nomes, escrevendo-os com todas as lettras.

A mencionada edição da *Question*

de Amor é de 4°: lettra gothica: 64 folhas não numeradas, das quaes a última em branco. No frontispicio, debaixo de varias figuras, gravadas em madeira, se lê

Libro llamado quistion (sic)
de amor.

A última pagina, na folha 63*), conclue deste modo:

Fenesce el libro llamado question de amor. Impresso en Lisboa en casa de Luys Rodriguez librero d'l rey nuestro señor. Acabo se el primer dia de Diziembre. Anno de M.D.XL.

Possuimos deste livro outra bonita edição anterior, não citada pelos bibliographos: é de Veneza, em 1533, por Juan Batista Pedrezano.

*) No verso desta pagina 63 ha um grypho, com duas tarjas, em uma das quaes se lê: SALVS VITAE e na outra LVDVVICVS RODVRICI

Nota *S*, pag. 124.

As duas lettras *Or*, que se encontram ás vezes antes do nome *Fileno* ou *Phileno* nâo poderiam interpretar-se por *O Rei?*

Nota *T*, pag. 126.

Convidamos o leitor a lêr, depois das conjecturas que apresentamos neste §. e da historia que incluimos no §. XII, o monologo da *Menina e Moça*, que, á maneira do autor, designamos como *donzella*, para a distinguir da outra dama que depois aparece, e se lembra do filho que perdêra. O effeito de tal leitura em nós foi encontrar explicaçâo para muitas frases vagas e mysteriosas; taes como a de dizer que em »longes terras« vivera tanto tempo

»quanto fora necessario para *não poder viver* em outra parte«; e vira depois »tantas cousas trocadas per outras, e, o prazer feito mágoa maior, que a *tanta paixão viera* que mais lhe pesava do bem que tivera do que do mal que tinha«, que escolhera »para seu contentamento (se entre tristezas e saudades ha algum), ir-se a viver áquelle monte, onde o logar e mingoa da conversação da gente fosse, como pera seu cuidado cumpria: porque grande erro fora depois de tantos nojos,.... aventurar-se ainda esperar do mundo o descanso que elle nunca deu a ninguem, estando ahi só tão longe de toda a outra gente e de si ainda mais longe« etc.

A descripção do logar, do qual via »serras de um cabo, que se não mu-

dam nunca, e do outro aguas do mar«, pode bem considerar-se de invençâo, quer para fazer mais poetico o mesmo logar, quer por encubrir um tanto a verdade. Em todo caso, tâo pouco se pode applicar a Cintra, onde nâo ha, nenhum rio de curso perenne, cujo mumurio se ouça na serra, conforme diz o livro.

Seguem varias revelaçôes feitas pela *Menina e Moça*, de como tivera naquelle ermo, onde *estava havia dous annos*, um amigo, que lhe haviam arrebatado sem ella saber para onde.

Se se trata da rainha D. Joana, deveria isto escrever-se em 1509 (dois annos depois de enclausurada) e quem sabe se ja na fortaleza da Mina.... Nesta, sim, se veem de um lado altas montanhas; e do outro só ondas do

mar; e tambem um rio de agua corrente lambe as muralhas da fortaleza.

Nota *U*, pag. 129.

Depois de impressa a 9ª folha, a que corresponde essa página, recebemos de Lisboa um exemplar da edição do *Crisfal*, que acaba de publicar no Porto o Snr. Theophilo Braga.

No judicioso estudo do proprio teor das poesias, que precede a edição, diz o Snr. Braga que provará, em um trabalho especial, como Bernardim Ribeiro morreu, depois de meiado o seculo XVI, »sendo mestre da capella da cathedral de Toledo«. Andaria por ventura *pastoreando* nas immediações de Tordesillas, e reunindo-se aos *Comuneros* em 1520, encontraria apoio

em alguns destes, para depois o agasalharem em Toledo?

Em todo caso, o facto de andar o poeta por Castella, dará argumento mais em favor de ser a rainha D. Joana, e não a duqueza de Saboya, o objecto de seus amores.

Esperemos as provas promettidas. Se por ellas a identidade da pessoa não podér ser posta em dúvida, haverá que reconhecer que o poeta, já não moço em 1516, chegou a falecer quasi octogenario. Mas se a morte teve logar depois de 1554, a propria edição de Ferrara não se poderá chamar posthuma.

Nota V, pag. 135.

De mais um livro portuguez de cavallarias dá razão Nicoláo Antonio, de

que nenhumas outras notícias temos podido colhêr. Referimo-nos ao *Clarindo de Grecia* por Tristâo Gomes de Castro, natural da ilha da Madeira. Outrotanto dizemos do *Penalva*, a cujas mâos morrera o *Amadiz*, e a cujo cyclo devêra pertencer.

O seguinte periodo deixou de sair impresso no fim da nota E.

A popularidade em Portugal do Carlos Magno se confirma no chamar-se *Brutamonte* a qualquer homem forçudo e grosseiro; e a do Marquez de Mantua no nome de *Valdevinos* que se dá a todo o que se encontra desesperado e sem recursos.

Nota *X*, pag. 148.

Desde 1841 até 1846, mantive mui boa convivencia com o illustre cantor

de Camões, sem haver esperado, para estimal-o e apreciaI-o, que a lousa sepulchral viesse a pezar sobre o seu corpo. Essa boa convivencia e amisade seguiu ainda até os ultimos dias da vida do poeta, por meio de uma correspondencia (que conservo) bastante regular, para um frouxo correspondente como era o illustre poeta. Em obsequio áquellas havia eu conseguido persuadir ao Conde de Lückner, então Encarregado da Dinamarca em Lisboa, que traduzisse em allemão, e fizesse publicar, o *Fr. Luiz de Souza;* o que elle fez, conferindo comigo a traducção, e pedindo - me que escrevesse, para prologo della, um artigo acerca do mesmo Garrett, que escrevi, e que na mesma traducção anda com o meu nome. Foi igualmente por indicação

minha que o meu illustre amigo o Cav. Vegezzi-Ruscalla, ja mui conhecido entre nós pela sua traducçâo da *Marilia de Dirceu*, passou igualmente ao italiano o *Fr. Luiz de Souza*; resolvendo benevolamente associar, a esta última traducçâo, o meu nome; — nada menos que por meio de uma para mim mui honrosa dedicatoria impressa, que precede a mesma traducçâo publicada em 1852 *).

Dessa tal qual influencia que me coube em sorte ter para estas traducçôes nunca disse eu ao benemerito A. de Fr. Luiz de Souza uma só palavra; mas do da traducçâo alleman soube-o elle, e m'o lembrava ainda

*) *Fra Luigi di Sousa*, dramma di G. B. Almeida-Garrett. Torino, Tip. Speirani e Tortone, 84 pag.

quando em carta de 17 de Fevereiro (dia dos meus annos) de 1851, me dizia: »Não fará com que o ponha ahi em castelhano (o Fr. Luiz) algum desses nossos visinhos? Eu estimava. Digo sobre isto: o meu amigo que tanto contribuiu para que Fr. Luiz se fizesse tedesco é que devia fazer nacionalisal-o tambem na lingua e na terra de Calderon«.

Devo acrescentar que o mencionado Conde de Lückner convivia então (1846) muito comigo e com Garrett, a ponto que em S. Carlos tinhamos de assignatura na superior os assentos juntos; por signal que muitas vezes, em noites bellas de luar, saíamos dali a passear e conversar eu e Garrett durante uma e duas horas, no largo das Chagas, não longe das casas onde moravamos,

eu nessa mesma rua, e elle na do Alecrim.

Mais uma noticia curiosa a respeito do *Fr. Luiz de Souza* insirirei aqui, pois é por si outro drama; e talvez nâo venha a ter para a publicar melhor occasiâo. O dito Conde de Lückner era protestante, de uma comunhâo que permitte novo casamento passado o divorcio. Depois de ser pai uma vez, divorciára-se delle a mulher, rica filha de um Eleitor de Hesse-Cassel, quando ainda mui joven, e se casára com outro (um Barâo de Watzdorf), de quem tivera tres filhos, e de quem acabava de enviuvar, quando em 1847, no theatro de Dresda, onde ella vivia, se representou a traducçâo do Fr. Luiz, a que foi assistir. A analogia das situaçôes produziu a reconciliaçâo; e o

Conde de Lückner casou 2ª vez *com a sua propria mulher,* e feliz em companhia desta e do tenro fructo da 3ª lua de mel da mesma esposa (retrato ao vivo da rainha D. Maria 2ª) vivia em uma quinta acastellada a uma legua de Dresda, quando no verâo de 1853 fui ahi fazer-lhes uma visita. Devo acrescentar que o facto deste *re-casamento* do meu agradavel amigo Lückner fez bulha, e chegou até a ser assumpto de artiguinhos nos jornaes francezes.

Outra carta de Garrett encontro agora á mão, junta com a que acima transcrevi. Foi resposta á minha, que lhe levára um portador amigo de ambos (o mallogrado D. F. de Meneses), depois de alguma interrupçâo em nossa

correspondencia. E' de 3 de Junho de 1850; e transcrevel-a-hei, porque ainda nella se lembra da nossa convivencia com o seu traductor Lückner:

»Meu bom amigo. Chegou-me a sua cartinha pelas mãos do nosso D. Francisco, e me deu por dobrados motivos muito prazer. Creio na sua viva lembrança, porque a avalio pelas muitas saudades que sempre tenho conservado de nosso tratto e convivencia«.

»Eu aqui vegeto, o nem estudo, nem me embriago com proesas (?). — Sigo o *rum rum* de nossa pacifica e monotona existencia lisbonense. Tive novas suas muitas vezes neste longo intervallo. F. F.*) me contaram muito de sua vida; e Dal Borgo e todos os que

*) São nomes de senhoras que por discreção omittimos.

dahi vem; porque a todos pergunto de suas coisas«....

....»Que sabe do nosso Lückner? Eu ha muito que delle não oiço.

»A última escrevinhadura minha que se imprimiu foram essa comedia e essa necrologia que lhe mando.

»A deus, viva feliz, e venha fazer-nos uma visita, assim que possa. E creia sempre na verdadeira amisade do seu am° do C.

J. B. d' Alm. Garrett *).

Talvez dia virá em que verão a luz todas essas cartas, bem como outras mais de correspondencia litteraria, incluindo pelo menos oitenta e tres (desde 1838 a 1844) do Cardeal Saraiva ou

*) Em outras cartas assigna só *João Baptista*

Bispo-Conde San Luiz *). Assim Deus nos dê para isso vida; pois antes cumpre attender a concluir algumas outras publicações que mais dependem de nossa presença.

*) Várias destas cartas são extensas; e contêm juizos de livros que eu lhe emprestava, e me restituía. Todas essas cartas, bem como as de Garrett e outras, acham-se manchadas de barro vermelho, por se haverem nada menos que *ensopado* em uma inundação que teve logar, em 1859, no hotel da R. dos Inválidos no Rio de Janeiro, onde eu as deixára vindo á Europa.

FIM.

ERRATA.

Pag. 20 lin. 2a da nota **) — onde dis „Caviani" lêa „Ceriani".
„ 21 lin. penult. e últ. — onde dis „cap. 5 . . cap. 116" . . .
lea: „fol. 65 a fol. 116." Veja-se G. Ferrario II, 822.
„ 79 lin. últ. onde dis „*Florisando*" lêa „*Esplandian*".
„ 114 lin. 9 onde dis „exceptando" lêa „exceptuando"
„ 160 lin. 7 onde dis „portuguer" lêa „portugues".

INDICE.

Notas.